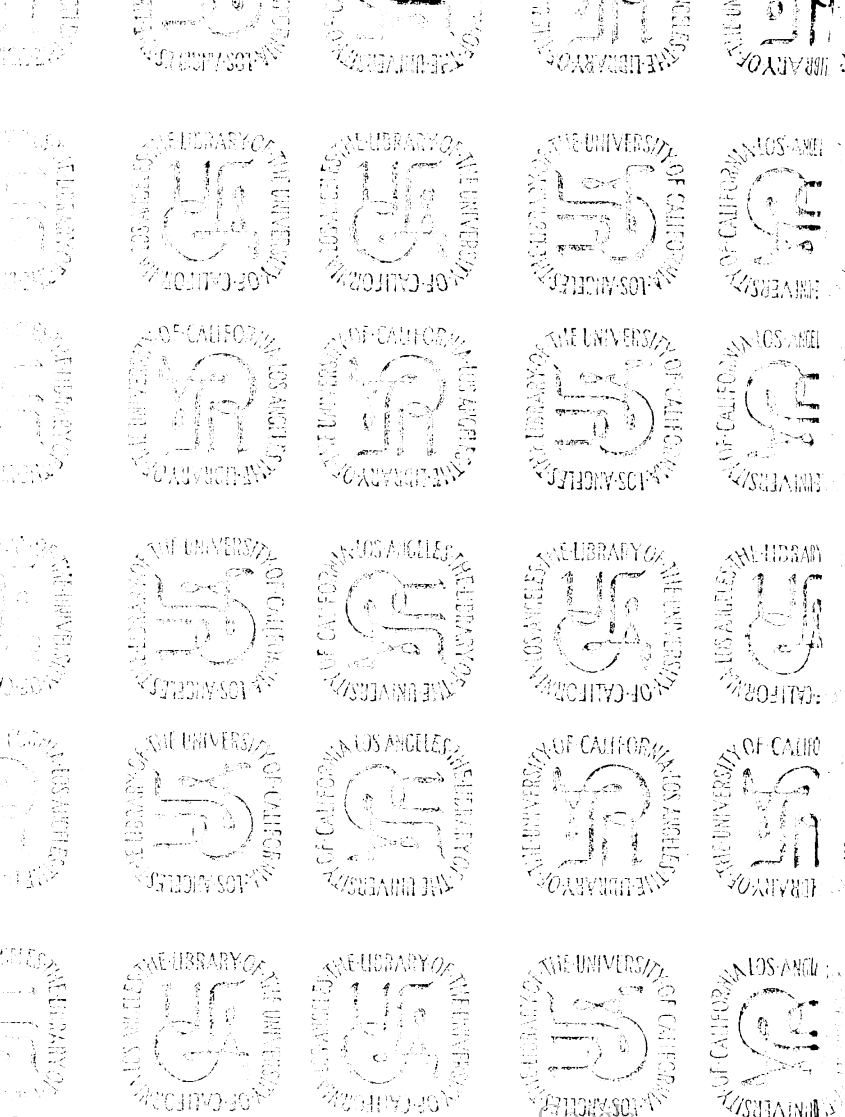
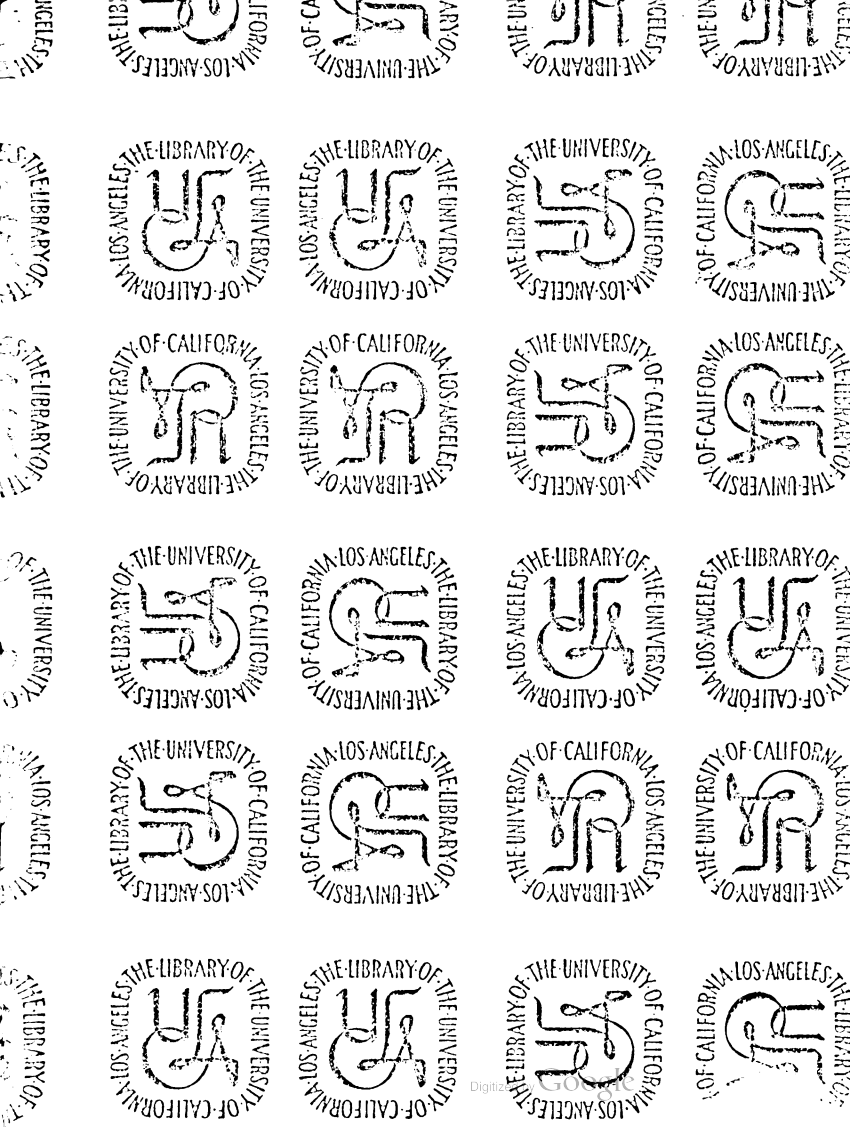


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100





NO. 5

NO. 10

NO. 15

NO. 20

NO. 25

NO. 30

NO. 35

NO. 40

NO. 45

NO. 50

NO. 55

NO. 60

NO. 65

NO. 70

NO. 75

NO. 80

NO. 85

NO. 90

Hans Staden

Meu Captiveiro entre os Selvagens do Brasil

TEXTO ORDENADO LITERARIAMENTE
POR MONTEIRO LÓBATO

2.^a EDIÇÃO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RIO DE JANEIRO - R. Senador Dantas, 105
S. PAULO - Rua dos Gusmões, 31
1926

F
2528
S 77w Pa

Prefacio 1926

NÃO ha documento mais precioso, relativo á terra brasileira em seus primordios, do que as presentes memorias de Hans Staden. Naufrago acolhido pelos lusos em S. Vicente, viu-se um dia esse allemão nas unhas dos tupinambás, retido como presa de guerra durante mezes, sob a ameaça terrivel de ser devorado de um momento para outro. Staden defendeu-se com as armas da astucia e conseguiu implantar no animo supersticioso dos indios a crença de que um Deus, mais poderoso que os Maracás, o protegia visivelmente. Escapou, regressou á patria e lá publicou, em 1557, a narrativa ingenua da sua tragedia, fornecendo assim ao historiador futuro, e ao anthropologo, o melhor documento sobre os homens e costumes do Brasil de 1550.

• Mas esta obra de valor inestimavel, que devia andar no conhecimento de todos os brasileiros, vi-

veu até hoje restricta aos estudiosos e sem possibilidades de divulgação por falta de uma coisa só: ordem literaria. Sem este tempero, por mais interessante que seja, não consegue uma obra vulgarisar-se.

Com esta edição fazemos uma tentativa neste sentido. Ordenamol-a literariamente, com absoluto respeito ao original, de modo que lucrasse em clareza e facilidade de leitura, sem prejuizo do character documentativo, uma obra que até nas escolas devia entrar, pois nenhuma daria melhor aos nossos meninos a sensação do Brasil menino.

Os nomes proprios e as palavras e phrases em lingua da terra, que Staden fixou, apparecem corrigidas de accordo com a lição do mestre doutissimo que é Theodoro Sampaio, nas notas com que enriqueceu a traducção de Alberto Löfgren, publicada em 1900.

As gravuras são reproducções das xilographias que acompanharam a edição de Marpurgo.

CAPITULO I

De quem sou eu e de como deliberei viajar

Eu, Hans Staden, natural de Homberg, pequena cidade do Estado de Hessen, na Allemanha, em certo momento da minha vida deliberei conhecer as Indias tão famosas. De Bremen, onde me achava, parti para a Hollanda e em Campon encontrei varias naus que se aprestavam para carregar no reino portuguez.

Embarquei-me numa dellas e a 29 de abril de 1547, depois de uma travessia de quatro semanas, cheguei a Setubal.

De Setubal segui para Lisboa, que é perto, e alojei-me numa hospedaria pertencente a um allemão, Luhr — o moço, na qual permaneci algum tempo.

Contei a Luhr a minha vida e a aventura que me levava, indagando se havia prestes a largar alguma expedição para as Indias.

Respondeu-me que eu tinha chegado tarde, pois já eram partidos os navios d'El-rei que navegavam para as Indias.

Pedi-lhe, então, que me auxiliasse em meus projectos; cenhecedor como era da lingua do paiz, facil lhe seria guiar-me nesse passo — serviço que lhe havia de pagar.



Luhr tomou a peito o meu pedido e conseguiu engajar-me numa nau como artilheiro. O capitão desse barco chamava-se Penteado e ia para o Brasil em viagem de commercio, embora com ordem de atacar os navios que traficavam com os mouros da Berberia. Tambem tinha ordem de apresar os navios francezes que encontrasse nas costas do Brasil em contacto com os indios, deixando em terra, como castigo, os tripulantes portuguezes que por acaso descobrisse a bordo.

Nosso navio, apesar de mercante, estava perfeitamente aparelhado para a guerra maritima, e levava na tripulação tres allemães: eu, Hans von Buchausen e Heinrich Brant, de Bremen.

CAPITULO II

**Da minha primeira viagem, de Lisboa
para fóra de Portugal**

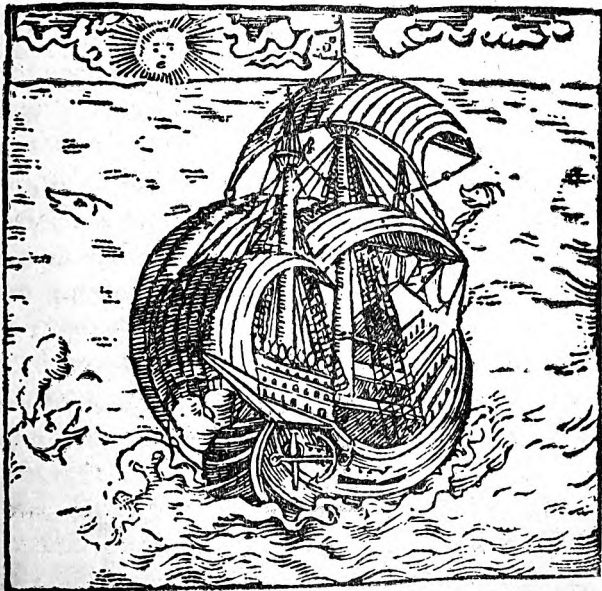
Sahimos de Lisboa com mais outra nau, tambem pertencente a Penteado, e alcançamos uma ilha, chamada da Madeira, habitada por portuguezes e pertencente ao rei de Portugal. Essa ilha produz muito vinho e assucar.

Na cidade de Funchal nossas naus se abasteceram de munição de bocca e em seguida velejaram de rumo á Berberia, onde alcançamos Arzilla, cidade que pertenceu outróra a Portuagl, mas está hoje nas mãos de um rei mouro, ou Sheriff.

O capitão contava encontrar alli navios em commercio com os infieis, e por informação de pescadores castelhanos soube que estavam a chegar diversos.

Era verdade, pois ao deixarmos o porto encontramos um bastante carregado. Persegui-mol-o e alcançamol-o, mas sua tripulação metteu-se nos

botes e conseguiu escapar-se. Vimos em terra um bote vazio que nos serviria para abordar o navio apresado. Fomos búscal-o. Nisto surgiu um bando de mouros a cavallo que vinham proteger o navio. Nossos Canhões, porém, mantiveram-nos á distancia e pudemos a salvo tomar posse da presa, que consistia em assucar, amendoas, tamaras, couros de cabra e gomma arabica.



Levamos tudo isso para a ilha da Madeira e mandamos o nosso navio menor a Lisboa, dar parte ao rei do acontecimento e receber ordens relativas á presa, visto haver negociantes castelhanos entre os seus proprietarios.

El-rei ordenou que tudo deixassemos na ilha, e seguissemos viagem enquanto sua majestade deliberaria sobre o caso.

Assim fizemos e navegamos outra vez para Arzilla, na esperanza de encontrar nova presa. Mas o vento, que em parte dessa costa é sempre contrario, não nos deixou alcançar o porto, e á noite, na vespera do dia de Todos os Santos, uma tempestade nos arrojou d'alli para os lados do Brasil.

Estavamos a umas quatrocentas milhas da Berberia quando demos num enorme cardume de peixes. Apanhamos innumerous a linha, alguns bem grandes, chamados pelos marinheiros *albacores*; collhemos tambem numerosos *bonitos* e *dourados*.

Havia em quantidade uns peixes com asas de morcego, do tamanho do arenque; perseguidos pelos grandes, sahiam d'agua aos cardumes e voavam á altura de duas braças, cahindo uns perto, outros longe, a perder de vista. Frequentemente, pela manhã, os encontravamos na soberta do navio, victi-

mas dos seus vôos nocturnos. Os portuguezes chamam-lhes — *peixes voadores*.

Logo depois alcançámos a linha equinocial,, onde fazia grande calor, e por bom espaço de tempo passámos sem vento nenhum durante o dia. A' noite, porém, sobrevinham trovoadas passageiras, seguidas de vento e chuva. Quando navegavamos a panno isso nos obrigava a uma cautela continua, afim de não sermos surpreendidos.

Depois entrou a soprar um vento forte, breve transformado em temporal e contrario á nossa rota, vento que se persistisse nos acarretaria a fome. Elevamos, então, preces a Deus, pedindo tempo favoravel.

Certa noite, em que tivemos forte tempestade e corremos grande perigo, appareceram muitas luzes azues no navio, cousa que jamais eu vira. Onde as vagas batiam ficava a brilhar a luz azul.

Os portuguezes alegraram-se com o phenomeno, dizendo que taes luzes, a que chamam santelmo, era signal do bom tempo que Deus nos ia mandar. E assim foi. Quando raiou o dia começou a soprar um vento de feição e vimos nisso claramente a vontade de Deus.

Proseguimos em nossa rota. A 28 de janeiro (1548) avistamos terra, que soube ser o cabo de

Santo Agostinho. Mais oito milhas de marcha e alcançámos o porto de Pernambuco, depois de oitenta e oito dias de alto mar.



Em Pernambuco tinham estabelecido os portugueses uma colonia, Olinda, commandada por Duarte Coelho, a quem entregámos os prisioneiros tomados.

Descarregámos as mercadorias que levavamos e depois de liquidados os nossos negocios ficámos á espera de carga.



CAPITULO III

**De como os selvagens de Pernambuco
estavam revoltados e queriam destruir
a Colonia dos Portuguezes**

Aconteceu, porém, que os selvagens d'aquellas redondezas se haviam revoltado contra os portuguezes. Causa do levante foi terem os colonos escravizado alguns indios, cousa que pela primeira vez faziam.

O commandante Coelho encarecidamente nos pediu que occupassemos um lugar de nome Iguarassú, naquelle momento sitiado pelos selvagens. Essa colonia distaria umas cinco milhas do porto em que lançámos ancora, chamado Olinda pelos portuguezes e Marin pelos da terra. Tambem Olinda se via ameaçada e não podia distrahir soccorros para Iguarassú.

Tomámos uma embarcação pequena e com quarenta homens remámos para Iguarassú. Era uma

colonia nova, situada num braço de mar que avança duas leguas terra a dentro. Alli encontrámos noventa portuguezes e escravos, entre pretos e indios, uns trinta. Os sitiantes, ao que diziam na colonia, eram copiosissimos, avaliados em oito mil.

CAPITULO IV

De como eram as fortificações e de como os Indios combatiam

A praça de Iguarassú era defendida apenas pela estacada de madeira circumdante. Para além desta defesa começava a floresta, onde os indigenas revoltados tinham construido dois reductos, feitos de grossos troncos; atraz delles se retiravam á noite, ou quando atacados.

Ao pé destes reductos haviam aberto trincheiras, dentro das quaes ficavam de dia, só sahindo para guerrilhar comnosco.

Quando atiravamos contra elles, deitavam-se todos, julgando assim livrarem-se das balas.

Os indios nos cercavam de todos os lados, de modo que ninguem podia entrar ou sahir da estacada sem ser flechado. Seu modo de guerra consistia em approximarem-se e lançar settas para cima, de modo que ao cahirem nos apanhassem pela cabeça e hombros. Tambem usavam flechas incendia-

rias, preparadas com algodão embebido em cêra, que accendiam e lançavam sobre nossos tectos. E tanta certeza tinham da victoria, que já combinavam o modo de nos devorar a todos.

O sitio já durava uns dias, e como nos escasseassem provisões, sendo-nos impossivel arrancar mandioca nas roças vizinhas, todas em poder dos sitiantes, foi resolvido que sahissemos em dois barcos para Itamaracá afim de buscal-as.

Partimos, e encontramos o rio atravancado de grandes arvores derrubadas pelos selvagens. Contudo, forçamos a passagem.

Vendo os sitiantes que por aquelle processo não podiam deter as embarcações, forcejavam por incendial-as com lenha accesa lançada entre os botes e a margem; depois deitaram ao fogo certas hervas e muita pimenta, para asphyxiar-nos com a fumaça.

Nada conseguiram porque a lenha não ardia a contento, e como durante os trabalhos crescesse a maré, pudemos com facilidade seguir para Itamaracá.

Alli nos provemos de tudo quanto era necessario e nos fizemos de volta.

Ao approximarmo-nos da colonia vimos que os sitiantes não tinham desistido da idéa de nos inter-

ceptar o caminho. Novas arvores foram lançadas ao braço de mar e duas dellas, que cresciam á beira d'agua, estavam cortadas pelo pé e mantidas a prumo por meio de cipós, cujas pontas iam ter aos seus reductos. A intenção delles era deixal-as cahir sobre os botes, quando lhes passassemos ao alcance.



Apesar disso forçamos outra vez o passo; uma

das arvores cahiu para o lado delles e outra sobre a agua, um pouco atrás dos nossos barcos.

Depois tratamos de romper por entre a tranqueira de arvores que barravam as aguas, e, precisando para isso de auxilio, chamamos a altos brados nossos companheiros da colonia, a qual ficava perto, embora occulta por um capão de matto.

Os selvagens fizeram então uma grande atoarda, de modo que nossos gritos se confundissem com os seus e não pudessem ser ouvidos da colonia.

Foi exactamente o que succedeu; mas mesmo sem o soccorro pedido conseguimos varar a barreira e penetrar com as provisões de Itamaracá na estacada de Iguarassú.

Vendo isto, os selvagens desanimaram e pediram paz, retirando-se em seguida, após quasi um mez de cêrco.

Quando vimos tudo normalizado, deixamos a colonia, de regresso á nossa nau. Em Olinda tomámos agua, carregámos com farinha de mandioca e, depois de receber os agradecimentos do commandante Duarte Coelho, levantámos ferro.

CAPITULO V

De como deixamos Pernambuco de rumo á terra dos Potyguaras e no caminho encontramos um navio Francez

Sahindo de Olinda velejámos quarenta milhas até um porto na terra dos Potyguaras, (1) onde pretendiamos carregar o navio com pau-brasil e mercadejar com os indigenas outras provisões.

Ao chegar avistamos um navio francez que fazia a mesma coisa. De accordo com as instrucções de El-Rei atacamol-o, com o fito de apresalo; mas enviou-nos elle um tiro que nos destruiu o mastro grande, matou-nos varios homens e feriu a outros. Em seguida afastou-se.

O vento mantinha-se contrario aos nossos intentos e não conseguimos entrar no porto onde pretendiamos nos abastecer. Em vista disso o capitão Penteado resolveu regressar ao reino.

(1) Parahyba.

A viagem de volta foi pessima.

As provisões eram tão escassas que passámos fome, chegando a comer couro de cabrito, que traziamos a bordo. Distribuiam-se a cada tripulante um



pequeno copo d'agua e um punhado de farinha de mandioca. Permanecemos assim cento e oito dias no

mar, até que a 12 de agosto chegámos a umas ilhas chamadas dos Açores e que pertencem ao rei de Portugal.

Tinhamos ahi lançado ferro e estávamos a descansar e a pescar, quando nos appareceu á vista um barco suspeito. Velejamos para elle a indagar que navio era, e como fosse um pirata atacamol-o victoriosamente e o tomamos, enquanto seus homens fugiam nos escaleres para as ilhas. Nessa presa encontramos muito pão e muito vinho, com o que nos regalámos grandemente.

Encontrámos depois cinco navios do rei de Portugal que aguardavam a chegada de um outro das Indias, que devia comboial-os para o Tejo. Esse navio das Indias chegou e ajudamol-o a alcançar uma ilha que chamam a Terceira, na qual se haviam juntado muitas naus de volta do novo mundo, umas com destino á Hespanha, outras a Portugal.

Sahimos de lá conjuntamente com cem navios e alcançámos Lisboa a 3 de outubro de 1548, após dezeseis mezes de viagem.

Em Lisboa descancei algum tempo, até que me deu vontade de ir com os hespanhoes ver as terras que possuem no mundo novo. Com esse intuito dei-xei Lisboa a bordo de um navio inglez, que ia de rumo para o porto de Santa Maria a carregar vinho.

D'alli tomei para Sevilha, onde vi tres naus que se aprestavam para velejar para a America, com destino a um paiz chamado Rio da Prata. Este paiz, uma terra aurifera de nome Perú, ha pouco descoberta, e o Brasil estão todos no mesmo continente.

Afim de conquistar o territorio do Rio da Prata já de alguns annos tinham seguido varias naus, uma das quaes voltara pedindo reforços e contando como aquillo por lá era rico em ouro.

O commandante dos tres navios em aprestos era Don Diego de Senabria, o qual seguia nomeado por Ei-Rei como o governador daquelles territorios.

Engajei-me a bordo de um desses navios; eram todos muito bem equipados e deviam sahir por São Lucar, que é por onde a cidade de Sevilha tem comunicação com o oceano.

CAPITULO VI

**De como parti de Sevilha para
a America**

Em 1549, no quarto dia depois da paschoa, fizemo-nos de vela para São Lucar. O vento mostrou-se contrario, e porisso tivemos de nos abrigar em Lisboa até que se tornou de feição e nos permittiu velejar para as Canarias, onde deitamos ferro na ilha da Palma. Alli nossas naus tomaram vinho para a viagem e combinaram entre si encontrarem-se em qualquer terra ao gráo 28 a Sul do equinoxio, caso o mar viesse a separal-as.

De Palma fomos a Cabo-Verde, isto é, cabeça verde, terra de mouros.

Quasi naufragamos ahi; mas proseguimos, em nossa rota e, levados por ventos contrarios, tocámos algumas vezes na costa da Guiné, tambem habitada por negros.

Depois alcançamos a ilha de São Thomé, que pertence ao rei de Portugal, terra insalubre, mui rica

em assucar e habitada por portuguezes e africanos escravos.

Tomámos agua em São Thomé e continuámos viagem, sendo logo depois dispersas as nossas naus por uma furiosa tempestade. A em que eu vinha ficou só.

Os ventos continuaram contrarios, porque naquelles mares têm elles a particularidade de soprar do sul quando o sol está a norte do equinoxio, e vice-versa; e como é assim por cinco mezes a fio, não pudemos seguir nosso rumo durante cento e vinte dias.

Quando, porém, entrou o mez de setembro, o vento virou e foi possível retomar a nossa rota para a America.

CAPITULO VII

De como chegamos a 28° de latitude e uma grande tempestade se desencadeou

Um dia, a 18 de novembro, nosso piloto verificou a altura do sol e viu que estávamos a 28 grãos de latitude; conforme a combinação feita ao partir da ilha das Palmas, devíamos procurar terra a oeste, para que se reunissem outra vez todas as naus. Tínhamos permanecido seis mezes no mar e por varias occasiões em grande perigo de naufragio.

Vimos logo terra, mas ao approximarmo-nos não nos foi possível reconhecer o porto com os signaes com que nol-o tinham descripto. E como não era prudente entrar num porto desconhecido, ficamos a cruzar em frente á terra.

Nisto sobreveio um temporal violento que nos ameaçava lançar contra as rochas. Tornou-se tão imminente o perigo que a cautela nos levou a juntar varios barris vazios, amarrando-os uns aos outros e pondo dentro polvora e armas; assim, se naufragas-

semos, os sobreviventes poderiam ganhar a terra e defender-se dos selvagens, pois as ondas levariam á praia os barris encastoados.

A tempestade cresceu de vulto e por fim a nossa nau foi levada para umas rochas submersas a quatro braças de fundo. Deante do perigo inevitavel, approamos á terra para encalhar o navio.

Deus quiz, entretanto, que ao chegarmos perto das rochas avistassemos um porto e nelle pudessems entrar.

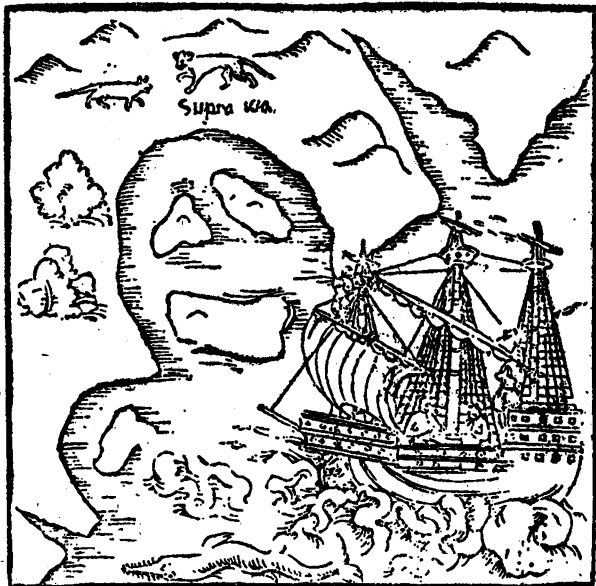
Estava lá um pequeno navio, que fugiu de nós e se occultou por detrás de uma ilha; não pudemos saber que navio era, nem o seguimos.

Deitámos ancora, agradecendo a Deus o precioso soccorro que nos enviara e em seguida tratámos de descansar e enxugar nossas roupas.

Seriam duas horas da tarde. Logo depois appareceu uma canôa de selvagens com mostras de querer falar comnosco. Permittimos que a canôa se approximassee; nenhum de nós, porém, entendia a lingua dos selvagens e o mais que fizemos foi dar-lhes algumas facas e anzóes, com o que nos deixaram e voltaram para terra.

A' noite veio outro barco de indigenas, desta vez trazendo comsigo dois portuguezes.

Perguntaram-nos de onde vínhamos e muito se admiraram da pericia do nosso piloto, porque, apesar de conhecedores daquella angra, nenhum delles se atreveria a entrar com uma tempestade daquella.



Contamos, então, nossa aventura, attribuindo a Deus o salvamento; os portuguezes, depois de muito se espantarem com o feito, disseram-nos que estavam em Superaguy, a dezoito leguas da ilha de S. Vicen-

te, que pertencia a Portugal. Lá moravam elles, e tambem os do navio pequeno que fugira de nós certo de que eramos francezes.

Perguntámos a que distancia ficava a ilha de Santa Catharina, para onde queriamos ir, e soubemos que ficava a trinta milhas para o sul, mas que lá havia uma tribu de selvagens carijós da qual deviamos acautelar-nos.

Já dos indigenas do porto de Superaguy nada havia que temer, pois eram da tribu amiga tupiniquim.

Tambem indagámos da latitude do lugar e responderam-nos que era o gráo 28, o que concordava com as nossas observações.

CAPITULO VIII

De como sahimos do porto para procurar o a que pretendiamos ir

Quanto o vento nordeste soprou, levantamos ferro e aproamos para o porto que tinhamos em mira. Não pudemos reconhecê-lo. Percebemos apenas que havíamos passado por elle; mas o sol encoberto não nos permittia fazer observações, nem o vento contrario nos permittia voltar.

Era pela manhã e estavamos em nossa reza matutina quando grossas nuvens se formaram ao sul. Antes de concluida a reza o nordeste serenou e principiou a soprar vento sul, apesar de não ser a epocha do anno em que elle reina. Veio acompanhado de tantos trovões e relampagos que ficámos seriamente amedrontados.

O mar encapellou-se; os dois ventos chocavam-se e erguiam vagas enormes; a escuridão fez-se tão profunda que parecíamos todos cegos. A tripulação

tomou-se de pavor; ninguem sabia que faber, nem como colher as velas.

Estavamos certos de perecer naquella horrivel noite, porém quiz Deus que o tempo melhorasse e pudessemos voltar ao porto que haviamos deixado.

Todavia, tantas eram as ilhas que bordavam a costa, que não nos foi possivel reconhecer a entrada desse porto; e como esta mavso no gráo 28 o capitão determinou ao piloto que mettesse por detrás de uma dessas ilhas e lançasse ferro, até ver onde paravamos.

Assim foi feito. Mettemo-nos entre duas terras que ladeavam um porto excellente, ancorámos e resolvemos sahir de bote para um reconhecimento do lugar.

CAPITULO IX

**De como sahimos de bote e achamos
um crucifixo sobre uma rocha**

Era no dia de Santa Catharina do anno de 1549. Tomámos o bote e sahimos a explorar a bahia. Pareceu-nos um rio — talvez o de S. Francisco, que corre naquellas regiões — pois quanto mais nella penetravamos menos alcançavamos o fim.

Iamos inspeccionando as margens, a ver se descobriamos alguma fumaça; por fim deparam-se-nos umas cabanas. Saltamos em terra a visital-as. Eram palhoças em ruinas sem nenhum morador dentro, e tivemos de proseguir em nossa exploração até á tarde.

Encontrámos depois uma pequena ilha na qual o capitão resolveu tomar pé. Quando a alcançámos já era noite e receiosos de pisar na terra desconhecida, foram alguns dos nossos rodeal-a para ver se havia gente.

Não havia ninguém. Desembácamos, pois, fizemos fogo, jantámos palmitos cortados alli mesmo e dormimos.

No outro dia pela manhã avançámos terra a dentro. Devia ser habitada a terra pois que as palhoças eram indicio seguro; outro indicio deparou-se-nos logo: grande cruz de madeira finçada num monte de pedras. Estava amarrado ao pé dessa cruz um fundo de barril com inscrições que não pudemos decifrar. Levámol-o connosco e proseguimos na exploração.

Emquanto remavamos fomos decifrando os dizeres do fundo do barril e pudemos afinal ler o seguinte: *Se viniesses por ventura aqui la armada de su majestad, tiren um tiro y haran recado*, o que quer dizer: Se por acaso aqui vierem navios de sua majestade, dêem um tiro que terão resposta.

Voltámos então depressa para o sitio da cruz e dispáramos um tiro de peça.

Pouco depois vimos cinco canôas com remeiros indígenas que vinham sobre nós, o que nos fez tomar as armas para a hypothese de um ataque.

Mais de perto pudemos divisar á prôa de uma des canôas um homem vestido e barbado, que nos pareceu chistão. Gritámos-lhe que fizesse parar as canôas e viesse elle só ter connosco.

Assim fez e breve nos alconçou. Conversámos algum tempo e soubemos estar no Jurumirim, ou Santa Catharina, como querem os portuguezes.



A noticia nos alegrou muito, não só porque era o porto que demandavamos como ainda por termos entrado nelle justamente no dia de Santa Catharina.

Perguntou-nos o christão quem eramos, e ao ser informado de tudo respondeu que muito o alegrava e muito agradecia a Deus aquelle encontro, porque havia tres annos fôra mandado da cidade de Assumpção, no Rio da Prata, áquelle lugar trezentas milhas distante, afim de induzir os indios carijós, que eram amigos dos hespanhoes, a plantarem mandioca para supprimento dos navios em transito. Eram ordens essas do capitão Juan de Salazar, que fôra para a Hespanha levar noticias e agora voltava num dos navios da nossa esquadrilla.

Fomos d'alli para as cabanas dos selvagens, com os quaes morava esse homem, e todos lá nos trataram muito bem.

CAPITULO X

**De como fui mandado ao nosso navio
com uma canôa de indigenas**

O capitão do nosso bote pediu ao homem que mandasse aprestar uma canôa com gente de remo, afim de que um de nós fosse ao navio levar noticia do acontecido; estavamos fóra tres dias e era tempo de dar conta aos outros do fim que levamos.

Fui eu o indicado para essa missão e parti com os indigenas.

Quando cheguei á vista da nau fizeram de bordo grande alarido, pondo-se em defesa; não queriam que a canôa se approximasse e gritaram-me perguntando como vinha eu só numa piroga cheia de selvagens.

Calei-me e fingi tristeza, pois o capitão ordenaram-me que assim o fizesse para ver como se comportavam os de bordo. O meu silencio e a minha tristeza embaraçaram-nos. Puzeram-se a murmurar que havia alli qualquer coisa, que de certo os demais tripulantes do bote tinham sido trucidados e vinham

aquelles selvagens com um só para armar cilada ao navio. Firmados nisso fizeram menção de atirar contra a canôa.

Comecei então a rir-me e gritei-lhes que socegassem, pois trazia boas novas. Só então permittiram que a canôa abordasse o navio. Contei o que se havia passado e despedi os selvagens, que regressaram sozinhos.

O navio seguiu pela bahia a dentro até defronte ás cabanas, onde fundeou, ficando á espera dos dois outros de que se havia separado por occasião da tempestade.

A aldeia daquelles selvagens chamava-se Cutia e o homem que morava entre elles, João Ferdinando, natural de Bilbáo, na Biscaia. Os indigenas eram Carijós e amigos; trouxeram-nos muita caça e peixe, recebendo em troca anzóes.

CAPITULO XI

**De como chegou um dos outros navios
que se tinham perdido**

Tres semanas depois que fundeámos chegou um dos navios da nossa frota, no qual vinha o primeiro piloto. O terceiro perdeu-se e nunca mais tivemos noticia delle.

Nada mais havia que fazer naquellas paragens e apparelhámos para seguir, fazendo provisão para seis mezes, pois tinhamos que vencer umas trezentas leguas. Occorreu, porém, um desastre. Depois de tudo prompto, perdemos no porto o navio maior e ficou impedida nossa viagem.

Permanecemos alli dois annos, no meio de grandes perigos e privações. Fomos obrigados a comer lagartos, ratos do campo, mariscos das pedras e quantos animaes exóticos podiamos apanhar. Os selvagens nos abandonaram logo que nada mais possuamos para lhes dar em troca de provisões. Não podiamos nos fiar nelles, nem permanecer naquelle

deserto por mais tempo; em vista disso o capitão deliberou que, não cabendo todos nós no pequeno navio restante, parte fossemos por terra para Assumpção, que distava d'alli trezentas milhas.

Assim foi feito. Partiram esses companheiros, levando consigo alguns indios; muitos pereceram no sertão, mas outros como depois o soubemos, chegaram ao destino.

CAPITULO XII

De como velejamos para S. Vicente e naufragamos no caminho

Os portuguezes mantinham a setenta milhas do ponto onde estavamos uma colonia na ilha de S. Vicente. O capitão Salazar resolveu ir até lá a ver se podia fretar um navio. Dos que o acompanhavam nenhum conhecia aquelle estabelecimento, excepto um tal Romão que se obrigou a mostrar-nos a ilha.

Sahimos, e após dois dias de viagem alcançamos uma ilha chamada dos Alcatrazes, nome tomado de uma aves marinbas, faceis de apanhar, que alli se reuñem em grande quantidade.

Nesse ponto o vento mudou, de modo que fomos forçados a fundear. Lançamos ancora e desembarcamos na ilha. Os alcatrazes estavam em periodo de incubação, o que nos facilitou a colheita de muitos ovos.

Vimos por lá vestigios de moradores, cabanas

em ruínas e panellas quebradas; havia tambem uma fonte d'agua doce nascida entre pedras.

Depois do jantar, que foi constituido de aves marinhas e ovos, formou-se ao sul uma tempestade que nos fez receiar largassem as ancoras e fosse o navio contra as rochas. Era tarde, mas queriamos ainda alcançar o porto de Cananéa.

Lá fomos ter; entretanto fez-se noite escura e não pudemos entrar. Como tambem não podiamos permanecer proximo da terra, onde as vagas, muito violentas, poderiam despedaçar o navio, afastamo-nos. Duante a noite, porém, o mar nos arrastou tão longe, que pela manhã não mais enxergavamos terra. Só depois de muito velejar a divisamos de novo, e isso já em plena tempestade.

O homem que havia estado em S. Vicente julgou avistar esse porto e para lá approámos. Uma forte neblina, entretanto, impediu-lhe de reconhecer a terra, e como a tempestade nos ameaçasse cada vez mais, tivemos que alliviar o navio, lançando ao mar tudo quanto representasse peso. Mau grado á incerteza continuamos a avançar, na esperanza de attingir o porto dos portuguezes.

Mais tarde a neblina se desfez e deixou ver terra. Romão declarou que o porto ficava á nossa frente, bastando-nos, para alcançal-o, dobrar o rochedo. Dobramol-o e atrás do rochedo em vez do porto vimos

a morte, pois não havia porto nenhum e fomos obrigados a virar para terra e naufragar. Vimos as ondas bater contra a costa com medonho fragor e já rogavamos a Deus que nos salvasse as almas, tamanha era a nossa certeza de uma catastrophe. O navio mais e mais se approximava da terra. As vagas furiosas o suspendiam tão alto que era como se estivesse em cima de uma muralha...



Ao primeiro baque de encontro á costa despedaçou-se. Muitos tripulantes se lançaram á agua e nadaram para terra; outros lá chegaram agarrados aos destroços da embarcação.

Salvamo-nos todos; entretanto lá ficamos sob a chuva, açoitados por um vento furioso que enregelava.

CAPITULO XIII

**De como soubemos em que ponto
havíamos naufragado**

Agradecemos a Deus a vida que nos salvára, apesar da penuria em que ficámos. Romão não reconhecia a terra, não sabia dizer se estávamos perto de S. Vicente, nem que qualidade de indigenas por alli habitava.

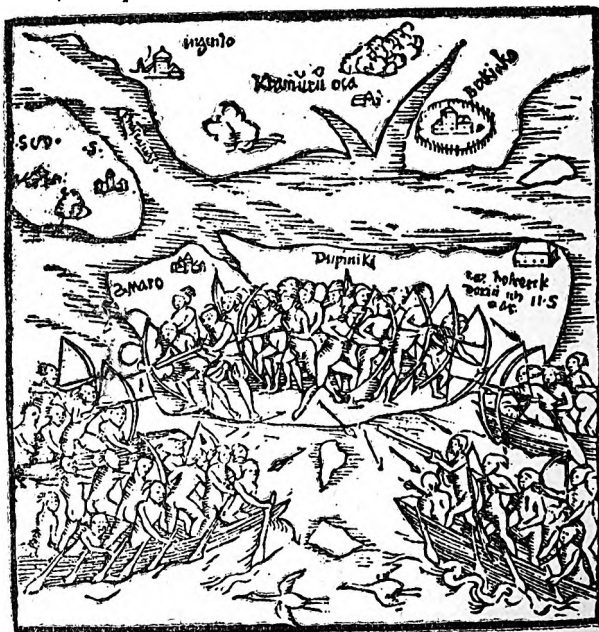
Havia um francez entre nós, de nome Claudio, que principiou a correr pela praia para aquecer-se. Afastou-se a uma grande distancia e de repente percebeu ao longe, em meio do matto, umas casas que pareciam de christãos. Dirigiu-se para lá e viu que era um estabelecimento de portuguezes, Itanhaen chamado, a ecrcá de duas milhas de S. Vicente. Contou aos moradores a nossa desgraça e a fome e frio de que padecíamos. Mal souberam disso os portuguezes, correram para nós e levaram-nos para suas casas, onde nos deram roupas e alimento.

Ficamos em Itanhaen alguns dias, até recobramos forças e animo. Depois seguimos por terra para S. Vicente, onde também fomos cordealmente acolhidos. O capitão Salazar ahi obteve que um navio portuguez fosse buscar os nossos companheiros ficados atraz.

CAPITULO XIV

De onde se acha situado a ilha
de S. Vicente

S. Vicente é uma ilha muito proxima do continente, na qual existem dois povoados: um chamado



S. Vicente, ou Ipanema pelos selvagens, e outro, duas leguas além, de nome Enguaguaçú. Existem ainda alguns engenhos de assucar esparsos pela ilha. Os indigenas alliados d'aquelles portuguezes são os tupiniquins, cujas terras se dilatam pelo sertão cerca de oitenta leguas, e ao longo da costa cerca de quarenta.

Esta nação confina ao sul com os carijós e ao norte com os tupinambás, povos inimigos entre si e inimigos tambem dos portuguezes, que os temem e delles soffrem muito damno.

CAPITULO XV

**Do lugar d'onde lhes vem maiores
males e sua situação**

A cinco milhas de S. Vicente ha um lugar chamado Bertioqa que esses indios inimigos occupavam antes de se dirigirem para a ilha de Santo Amaro e para o interior.

Afim de tomar o passo aos indios, cinco irmãos mamelucos, filhos de pae portuguez e mãe indigena, todos christãos e conhecedores da lingua da terra e da portugueza, haviam, dois annos antes, resolvido erguer alli um forte. Eram elles João, Diogo, Domingos, Francisco e André de Braga, filhos de Diogo de Braga. A elles se juntaram mais alguns portuguezes attrahidos pela bondade da terra.

Os tupinambás souberam da erecção do fortim e prepararam uma expedição contra elles. Vieram uma noite com 70 canôas e, conforme seu costume, atacaram-nos de madrugada. Os mamelucos e os portuguezes, bem como os alliados selvagens que tinham

comsigo, entrincheiraram-se em suas casas de pau a pique e defenderam-se enquanto puderam. Mas foram vencidos. Os tupinambás incendiaram a fortificação da Bertioga e apresaram os índios, que foram esquartejados e levados assim em postas para a terra dos vencedores. Quiz Deus, que os mamelucos e os portugueses se salvassem milagrosamente.

CAPITULO XVI

**De como os Portuguezes reconstruiram
o fortim da bertioga e construíram
outro na ilha de Santo Amaro**

Depois disto as autoridades e o povo verificaram a conveniencia de não ser abandonado aquelle ponto estrategico, precioso para a defesa do territorio de S. Vicente, e cuidaram de o fortificar de novo.

Quando os tupinambás perceberam que a Bertioga lhes offerencia grandes difficuldades para um ataque, ladearam-na e vieram sobre S. Vicente. Os moradores, fiados na defesa do forte, foram colhidos de surpresa e aprisionados. Em vista disso foi levantado outro forte, com guarnição e canhões, ao pé da agua e bem de frente á Bertioga, em ponto que impedisse a passagem dos inimigos. Já haviam, quando eu cheguei, começado a construcção desse forte, mas estava ella interrompida por falta de um artilheiro portuguez que se arriscasse a ficar alli.

Fui visitar esse porto. Quando aos moradores constou que eu era allemão e conhecedor de artilharia, propuzeram-me ficar no forte; davam-me companheiros e um bom soldo, além de ganhar eu a estima de El-Rei, sempre generoso para com os que nas terras novas o ajudavam com seu conselhos e esforço.

Acceitei a proposta e contratei-me por quatro mezes, até que El-Rei mandasse um official e fizesse erguer um forte de pedra, de maior segurança.

Fui para o forte e lá vivi todo o tempo com mais tres companheiros. Tinha algumas peças commigo, mas vivia em perigo sob a ameaça dos selvagens porque o forte não era seguro. Mantinhamo-nos áleria todas as noite, para evitar surpresas, e de facto as evitamos por varias vezes.

Os moradores tinham escripto a sua majetade contando de como era bella a terra e do mal que lhes faziam os indigenas e aguardavam providencias. Depois de alguns mezes chegou o official d'El-Rei, coronel Thomé de Souza.

Contaram-lhe dos meus serviços e minha ousadia em ficar num forte mal defendido, onde nenhum portuguez quizera permanecer. Louvou-me elle o procedimento e prometeu, se o céu lhe permittisse re-

gressar ao reino, falar de mim a El-Rei, com o que muito haveria eu de aproveitar.

Como acabasse o meu contracto de quatro mezes, o coronel pediu-me que o renovasse por mais tempo. Accedi e fiquei por mais dois annos, findos os quaes deviam deixar-me seguir para Portugal pelo primeiro navio. Recebi de Thomé de Souza as minhas *privilegia*, que é de de costume darem-se aos artilheiros reaes que as pedem. Construiu-se o forte de pedra, com mais alguns canhões, e fiquei no governo da casa e das armas.

CAPITULO XVII

De como observamos o inimigo

A vigilancia contra os invasores fazia-se mais necessaria em duas épocas do anno. Uma em novembro, quando amadurecia o *abati*, (1) com o qual os selvagens preparam uma bebida chamada *cauim*, na qual costuma entrar tambem a raiz da mandioca. Quando voltam de uma guerra com prisioneiros e não é tempo de *abati*, conservam-nos vivos á espera da colheita, pois só os devoram se podem regar a carne dos inimigos com a apreciada bebida.

A outra época de vigilancia era em agosto, tempo da desova na foz dos rios de um peixe de nome *parati*. Saem então em expedições guerreiras, á conquista desse alimento, que fritam e levam para as tabas em grandes quantidades. Outras vezes o conduzem transformado em passoca, a que chamam *piracuy* (farinha de peixe).

(1) Milho.

CAPITULO XVIII

De como fui apresionado pelos selvagens

Eu tinha commigo um selvagem carijó, que era meu escravo; caçava para mim e acompanhava-me ao matto. Aconteceu, porém, que um hespanhol de S. Vicente veio visitar-me em Santo Amaro; em companhia de um allemão, Heliodoro Hesse, gerente do engenho de assucar do genovez José Adorno. Já me conheciam de S. Vicente e a razão de virem ver-me foi constar-lhes que es estava enfermo.

No dia anterior tinha eu mandado o carijó á caça, e como o escravo se demorasse fui-lhe ao encalço, porque naquella terra pouco mais havia além do que o matto fornece.

Internei-me na floresta; de repente, dos dois lados do caminho ouvi uma grita e me achei cercado de selvagens com as flechas apontadas. Gritei: Valha-me Deus! e fui logo derribado e ferido numa perna.

Agarraram-me e despiram-me. Um tirou-me a gravata, outro o chapéu, outro a camisa, enquanto dois delles disputavam a minha posse: o que me agarrara primeiro e o que me derrubara. Bateram-se lá entre si a pauladas de arco e enquanto isso os outros me agarraram pelos braços e levaram-me a cor-



rer, nú como estava, para o sitio onde tinham suas canôas.

Chegando ao mar vi, á distancia de uma pedrada, duas canôas que os indios tinham varado em terra para debaixo de uma moita. Rodeavam-nas muitos selvagens, que, quando me avistaram daquelle modo conduzido, correram ao meu encontro, mordendo os braços como a indicar que iam devorar-me.

Deante de mim postou-se o morubichaba, (1) armado da clava com que matam os prisioneiros. Fez um discurso e contou aos outros como me haviam apanhado, e assim escravizado um *pero* (2) para se vingarem da morte dos seus.

Levaram-me depois para as canôas, com algumas bofetadas pelo caminho, e apressaram-se em pol-as a nado, receiosos de que na Bertioaga já estivessem alarmados com a minha ausencia. Antes, porém, de arrastarem as canôas amarram-me as mãos.

Como não fossem todos esses indios da mesma taba puzeram-se a disputar sobre a minha posse; por fim foi proposto que eu fosse trucidado e cada qual levasse um quinhão da minha carne. Eu orava, esperando o golpe fatal, mas o cacique declarou

(1) Chefe indigena, cacique.

(2) Os indigenas chamavam os portuguezes *peros*, e aos fracezes *mair*.

por fim que me levaria vivo á sua taba para que as mulheres me vissem e se divertissem commigo; depois matar-me-ia e:

—*Kauuim pipeg!* isto é, muito cauim haveria de correr! Significava com isto que ia elle preparar o *cauim*, devendo reunirem-se todos para me devorarem conjunctamente.

Assim combinados, amarram-me ao pescoço quatro cordas e metteram-me na canôa, emquanto permaneciam ainda em terra. Depois ataram as pontas da corda á canôa e cuidaram de partir.

CAPITULO XIX

De como os nossos vieram reclamar-me e do que succedeu

Ao pé da ilha onde me aprisionaram existe uma ilhota em que se aninham uma aves aquaticas de pennas vermelhas, a que chamam *guarás*. Perguntaram-me os indios se seus inimigos tupiniquins tinham estado alli aquelle anno, em caça aos filhotes dos *guarás*.

Respondi que sim, mas os indios o quizeram verificar, pois têm em alta estima as pennas destas aves, de que habitualmente se adornam. A particularidade dos *guarás* é que nascem com as pennas pardacentas; á medida que crescem tornam-se ellas roseas e por fim vermelhas.

Foram os selvagens para a ilhota na esperança de encontrar alli os passaros; mal se haviam afastado, viram chegar um grupo de tupiniquins com alguns portuguezes á frente.

O meu escravo carijó tinha conseguido fugir quando me agarraram e dera o alarma. Esses tupiniquins amigos contavam livrar-me e gritaram para os tupinambás que, se tinham coragem, viessem combater-os. Os tupinambás voltaram com as canôas, aproximaram-se dos de terra e trocaram com elles varias flechas e zarabatanas.

O murubichaba, que vinha commigo na canôa, trazia uma espingarda que lhe deram os francezes em troca de páu-brasil. Desamorrhou-me as mãos e ordenou-me que atirasse contra os de terra.

Após curta escaramuça, receiosos de que viessem canôas tupiniquins a perseguil-os, fugiram com tres dos seus homens feridos. Passaram a um tiro de falconete do fortim da Bertioga, onde eu costumava estar, e ao fronteal-o puzeram-me de pé para que os meus companheiros me vissem.

O forte deu dois grandes tiros de peça, que nenhum mal lhes fizeram. Tambem partiram da Bertioga varias canôas no encalço delles; os tupinambás, entretanto fugiam tão depressa que breve as canôas amigas desistiram de continuar a perseguição.

CAPITULO XX

**Do que se passou em viagem para a
terra Tupinambá**

Como fosse distante a taba dos tupinambás, e como me haviam capturado ás quatro horas da tarde, desceram numa ilha do caminho e vararam em terra as canôas para alli passarem a noite.

Eu nada enxergava, pois tinha a cara em sangue e não podia caminhar devido ao ferimento da perna; fiquei deitado na areia, com elles á volta, a ameaçarem-me de me devorar.

Naquella grande afflicção, puz-me a dizer, do fundo d'alma, e com os olhos em pranto, o psalmo: *A ti imploro, meu Deus, no meu pezar, etc.*

Os selvagens apontaram-me, dizendo:

Vede como chora! Ouvi como se lamenta!

Pareceu-lhes, no entanto, pouco prudente pousar alli, e embarcaram-se de novo para alcançar umas cabanas que haviam erguido no continente.

Lá chegaram noite alta. Desembarcaram, acenderam fogueiras. Depois disso conduziram-me para lá e deitaram-me numa rêde, a que chamavam *inni* e que lhes servia de cama. Costumam atar essas rêdes a dois postes fincados dentro das cabanas, ou



a duas arvores, quando acampam na floresta. As cordas que me tinham pelo pescoço amarraram-

nas aos galhos de uma arvore; depois deitaram-se em redor de mim, exclamando com ironia:

— *Ché remimbaba indé*, que significa — és meu animal domestico.

Ao raiar do dia partiram de novo e remaram até tarde; quando o sol descambou no horizonte, faltavam ainda duas milhas para chegar ao pouso visado. Nisto formou-se no céu, atrás de nós, uma grande nuvem negra, tão ameaçadora que os forçou a remarem com furia para alcançar a terra. Vendo que não podiam escapar da tempestade, disseram-me:

— *Nê mongbetá ndê Tuppan quaabe amanaçu yandê eima rana mo-cecy*, o que significa: Pede a teu Deus que a tempestade não nos faça mal.

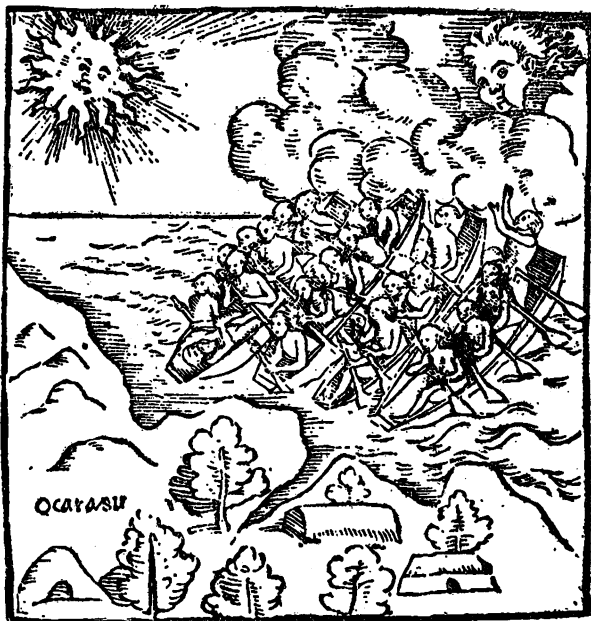
Reconcentrei-me e implorei a Deus nestes termos:

— O' tu, Deus omnipotente, que auxilias os que te imploram, mostra a tua força a estes pagãos, de modo que eu saiba que ainda estás commigo e elles vejam que tu me ouviste.

Eu estava amarrado e deitado no fundo da canôa, em posição que não me permittia ver o céu; mas notei que os indios se voltavam de continuo para trás, murmurando:

— *Oquara-mõ amanaçu*, o que quer dizer: a tempestade já passou.

Fiz um esforço, ergui-me nos cotovellos, pude olhar para trás e verifiquei que de facto a nuvem negra se dispersava.



Alcançando a terra os indios procederam com-

migo como na estação anterior; amarram-me a um tronco e deitaram-se em redor, dizendo que no outro dia á tarde chegaríamos á taba, o que muito pouco me agradou.

CAPITULO XXI

De como me trataram na taba

Partimos na manhã seguinte, vogamos o dia inteiro e ás aves-marias chegamos á taba, depois de tres dias de viagem. Devia distar da Bertioga umas trinta milhas, chamava-se Ubatuba e compunha-se de sete casas. Entramos por uma praia perto da qual estavam as mulheres lidando numa plantação de mandioca. Ao defrontal-as fui obrigado a gritar na lingua delles:

— Vossa comida está chegando!

As casas localizavam-se em certa elevação; dellas sahiram os moradores a ver-me. Os guerreiros entregaram-me ás mulheres e recolheram-se ás suas cabanas com as armas.

Aç mulheres me conduziram, umas adeante, outras atrás, entoando os cantos que usam quando vão devorar algum prisioneiro. E assim me levaram até á caiçara, isto é, á estacada de grossas achas de madeira que lhes cerca a taba. Quando entrei

acudiram outras mulheres ao meu encontro, deram-me bofetadas e arrancaram-me punhados da barba, exclamando:

— *Che anama pipike aé!* o que quer dizer: vingame em ti do que os teus fizeram aos nossos.



Empurraram-me para dentro de uma cabana,

deitaram-me numa *inni* e continuaram a maltratar-me.

Emquanto isto, os homens se reuniam em outra cabana para beber cauim deante do maracá, deus em cuja honra entoaram cantos por lhes ter proporcionado a minha captura. Durante meia hora ouvi tal musica sem que nenhum homem surgisse em minha cabana; só havia alli mulheres e creanças.

CAPITULO XXII

**De como vieram a mim e do que
me disseram**

Eu não conhecia os seus costumes e julguei que se preparavam para matar-me. Não era assim, pois logo appareceram os dois selvagens que me haviam aprisionado, os irmãos Nhaepépô-açú (panella grande) e Alkindar-miri (alguidar-pequeno), e disseram-me que me haviam dado de presente ao seu tio Ipirú-guasú (tubarão-grande), o qual devia cuidar de mim e matar-me em tempo opportuno afim de ganhar um nome á minha custa.

Este Ipirú-guasú havia, um anno antes, capturado um escravo, e por amizade presenteara com elle ao sobrinho Alkindar; este se vira na obrigação de retribuir a honra com o primeiro inimigo que apresasse. O destino quiz que fosse eu o escolhido.

Em seguida disseram-me os dois irmãos:

— Agora as mulheres te vão levar para fóra por-
racê.

Não comprehendí sinão mais tarde o sentido
desta palavra, que quer dizer dançar.

As mulheres pegaram nas cordas e puxaram-me
para fóra. Umhas me tinham pelos braços, outras
pelas cordas do pescoço, de forma que eu mal podia
respirar.

Não sabendo o que queriam fazer de mim, con-
solei-me recordando os soffrimentos de Jesus Christo,
tão maltratado pelos judeus. Conduziram-me de-
frente á cabana do morubichaba Guaratinga-açú,
ou o “grande passaro branco”. Deante dessa ca-
bana havia um monte de terra fresca no qual me
assentaram, sempre seguro por algumas dellas.

Julguei que iam matar-me; procurei com os olhos
a iverapema, tacape com que trucidam os priso-
neiros, e perguntei se era chegada a hora do meu
sacrificio. Não responderam mas veio uma mu-
lher com uma lasca de crystal encastoadada num
páu arcado e poz-se a cortar-me as pestanas; depois
quize fazer o mesmo á barba.

Mas isto não quize eu supportar e pedi que me
matassem com barba e tudo.

ibira, mactes, ...
Digitized by Google

Não será com a iverapema?

Disseram-me, então, que não era chegada a minha hora e abandonaram a minha barba, a qual, entretanto, veio abaixo dias depois, cortada com uma tesoura que lhes deram os francezes.

CAPITULO XXIII

De como dançaram commigo deante
da cabana do maracá

Conduziram-me depois para defronte da cabana
onde guardavam os maracás; formaram um cir-



culo em redor de mim, amarram-me á perna uns chocalhos e á nuca um *araçoyá*, ou turbante alto feito de pennas. Em seguida começaram a dançar, obrigando-me a bater no chão com o pé para que o ruído do chocalho fizesse acompanhamento ao canto.

A perna ferida não sarára ainda e doía-me tanto que eu mal podia conservar-me de pé.

CAPITULO XXIV

De como, terminada a dança, me entregaram a Iperú-guassú

Finda que foi a dança fui entregue a Iperú-guaçú, que me manteve muito bem guardado. Trouxeram todos os idolos da taba e os collocaram em redor de mim, dizendo que os maracás lhes haviam prophe-tizado a captura de um portuguez.

Redargui-lhes então:

— Estes idolos não podem falar nem têm poder nenhum, pois é falso que eu seja portuguez. Sou amigo e parente dos francezes e a minha terra se chama Allemanha.

Responderam que eu mentia, pois se fosse fran-
cez não estaria entre portuguezes, tão inimigos são entre si esses dois povos como elles indios o são dos peros. Os francezes vinham todos os annos e lhes tra-
ziam facas, machados, espelhos, pentes e tesouras, que trocavam por pau-brasil, algodão, pennas, pi-
mentas e outras mercadorias. Por isso eram elles

amigos dos francezes. Já os peros nunca fizeram isso. Tinham vindo áquella terra ha muitos annos e se ligaram aos seus inimigos tupiniquins. Apesar disso os tupinambás se dirigiram aos portuguezes para negociar e de boa fé penetraram em seus navios, como o fazem nos navios francezes; mas foram miseravelmente trahidos, pois quando havia um bom numero a bordo os peros os agarraram, os amarraram e os entregaram aos tupiniquins para que fossem devorados. Além disso os portuguezes lhes mataram a tiros muitos dos seus, praticando contra elles ainda outras crueldades. E pois, os portuguezes eram seus inimigos.

CAPITULO XXV

**De como os dois irmãos se queixavam
dos portuguezes lhes haverem
matado o pae**

Os dois irmãos, meus donos, declararam que os portuguezes lhes haviam ferido seu pae num braço com um tiro, do qual veio elle a fallecer, e porisso iam agora vingar-se em mim.

Repliquei que não deviam vingar-se em quem não era portuguez; contei que tinha vindo de pouco com os hespanhoes e que naufragára, sendo essa a causa de ter ficado por lá.

Entre os indios da taba havia um moço que fôra escravo dos portuguezes. Numa expedição dos tupiniquins contra os tupinambás conseguiram aquelles tomar uma aldeia destes; os velhos foram devorados e os moços trocados por mercadorias com os portuguezes, ficando o moço em questão na posse de um gallego, Antonio Agudin, morador da Bertio-

ga. Isto tres mezes antes da minha captura. A esse mancebo tinham os tupinambás capturado, mas não o matavam por ser da mesma raça.

Perguntaram-lhe quem eu era e elle respondeu a verdade: que me conhecia, que eu viera num navio que dera á costa e que os homens desse navio se chamavam hespanhoes e eram amigos dos portuguezes.

Ouvindo eu dizer que havia francezes por perto insisti em affirmar que era amigo e parente dos francezes, e, pois, me não matassem antes que viesse algum e me reconhecesse.

Guardaram-me, então, os indios, á espera de um francez que andava pela região a negociar pimenta.

CAPITULO XXVI

**De como um Francez appareceu e os
aconselhou a que me devorassem**

Esse francez estava a umas quatro milhas dalli; quando soube do meu caso veio ter áquella taba e entrou para uma cabana fronteira á minha. Logo me appareceram uns selvagens, dizendo:

— Está cá um francez e vamos verificar se tu és da mesma raça ou não.

Imaginei cõmmigo, alegremente, que, sendo um christão, por certo havia de salvar-me.

Conduziram-me nú á sua presença. Os selvagens á volta observavam a scena. O mercador de pimenta falou-me em francez; mas eu não o entendi bem e não pude responder-lhe devidamente. Elle, então, voltou-se para os selvagens e disse-lhes na lingua da terra:

— Matem-no e comam-no. E' portuguez legitimo, meu e vosso inimigo.

Compreendi o que elle dissera e pedi pelo amor de Deus que não deixasse os indios me devorarem. Mas o homem respondeu apenas:

— Elles querem te comer.

Lembrei-me de Jeremias, cap. 17, onde diz: “Maldito seja o homem que nos outros homens confia”, e d’alli sahi com um grande peso no coração.

Eu tinha nos hombros um panno de linho que me haviam dado (d’onde teria vindo?) e que eu usava para resguardar-me do sol que me castigava muito. Arranquei-o do corpo e lancei-o aos pés do francez, exclamando:

— Se tenho de perecer, para que zelar da minha carne em proveito dos outros?

Conduziram-me de novo á cabana; deitei-me na rêde e Deus sabe como me affligi! Depois cantei o psalmo: *Sanctum precemur Spiritum*, etc.

Os indios ao ouvil-o disseram:

E’ portuguez legitimo; está agora a lamentar-se e tem medo da morte.

O francez ficou dois dias na taba e foi-se no terceiro.

Os indios, então, determinaram que se fizessem os preparativos para o meu sacrificio, guardando-me muito bem e escarnecendo todos de mim, velhos e moços.

CAPITULO XXVII

**De como padeci de fortes dores
de dentes**

Uma desgraça nunca vem só. Aconteceu que para cumulo de tanta miseria me sobreveio uma dôr de dentes que quasi me tirà o animo. O meu dono appareceu e indagou de mim por que não comia; contei-lhe a causa. Elle sahi e voltou com um instrumento de páu para me extrahir os dentes. Apavorado, disse que não me doiam mais; mesmo assim o indio insistiu em arancar-m'os á força, custando-me muito fazel-o desistir da idéa. Ameaçou-me, então, de matar-me antes do tempo, se eu persistisse em não comer e não engordar.

Deus sabe com que fervor lhe pedi que me tirasse a vida, impedindo assim que os selvagens o fizessem!

CAPITULO XXVIII

**De como me levaram ao grande
Chefe Cunhambebe**

Alguns dias depois levaram-me para outra taba, Ariariba (lugar das ostras), onde assistia o chefe supremo da nação tupinambá, Cunhambebe. Havia lá uma grande festa na qual queriam exhibir-me.

Ao approximar-me da taba ouvi grande rumor de cantos e trombetas, e defronte das cabanas divisei quinze cabeças espetadas. Eram cabeças de inimigos, *maracajás*, que haviam sido devorados.

Apavorei-me e disse commigo: assim me farão elles á minha!

Quando entravamos na taba um dos meus guardas avançou e gritou com voz forte:

— Aqui trago o escravo, o portuguez!

E falou muito mais coisas, conduzindo-me até o sitio onde estava assentado o morubichaba-açú, bebendo com outros e já meio embriagado. Olharam-me, desconfiados, e disseram:

— Vieste como inimigo?

Respondi:

— Vim, mas não sou vosso inimigo.

Deram-me então de beber.

Eu já muito ouvira falar de Cunhambebe, que devia ser um grande homem lá entre elles. Dirigi-me ao selvagem que pelo apparato parecia ser tal chefe e falei na sua lingua:

— E's tu Cunhambebe? Vives tu ainda?

— Sim, respondeu o cacique; vivo ainda.

Eu continuei:

— Já ouvi falar muito de ti e sei que és um homem valente.

O morubichaba ergueu-se cheio de orgulho e poz-se a passear na minha frente. Cunhambebe tinha uma grande pedra esmeraldina engastada nos labios, e ao pescoço um collar de conchas brancas de mais de seis braças de comprimento. Foi esse ornato que m'o designou como o chefe.

Cunhambebe tornou a sentar-se e perguntou-me o que planejavam seus inimigos tupiniquins e portuguezes — e porque atirava eu contra elles na Bertioiga.

Respondi que os portuguezes me mandaram para o forte e me obrigavam a atirar.

O morubichaba redarguiu que também eu era português, como lhe dissera “seu filho” o francez, visto como não entendia a lingua dos francezes.

— Sim, é verdade; estive muito tempo fóra da terra dos francezes e esqueci a lingua.

Cunhambebe disse então que já tinha capturado e comido cinco portugueses, e que todos mentiram.

Compreendi que só me restava recommendar minh’alma a Deus, pois tinha de perecer.

Cunhambebe continuou, perguntando o que os portugueses diziam de si e se o temiam.

— Sim falam muito de ti e das guerras que tu lhes costumás fazer, e porisso fortificam melhor a Bertioca.

— Hei de caçal-os como caçaram a ti no matto, redarguiu o chefe.

— Teus verdadeiros inimigos, accrescentei, são os tupiniquins, que preparam vinte e cinco canôas para atacar tua gente.

Muito mais coisas perguntou-me e lhe respondi, sempre ouvidos pelos presentes alli de pé.

Cunhambebe regosijava-se dos muitos portugueses e selvagens inimigos que havia morto.

Emquanto isso se passava, acabou-se o cauim da cabana e os indios mudaram-se para outra, pondo fim á minha entrevista com o grande chefe.

Nas outras cabanas continuaram as zombarias; o filho do morubichaba-açu atou-me as pernas em tres pontos, obrigando-me a pular de pés juntos. Riam-se e diziam:

— Alli está a nossa comida pulando!



Perguntei ao meu dono se me iam matar na quelle dia e soube que não, mas era de costume tra-

tar assim aos prisioneiros. Desataram-me depois as cordas das pernas e rodearam-me, beliscando-me e escolhendo pedaços. Um dizia que o couro da cabeça era delle; outro, que a barriga da perna lhe cabia.

Em seguida obrigaram-me a cantar; obedeci á intimação entoando versos religiosos que elles quizeram saber o que significavam.

— São os versos cantados ao meu Deus.

— Teu deus é *tipoty* (excremento).

Taes palavras me magoaram, e puz-me a dizer commigo: ó tu, Deus bondoso, como podes isto soffrer com paciencia?

No dia seguinte Cunhambebe recommendou aos meus guardas que tomassêem muito cuidado commigo.

D'alli conduziram-me de novo para Ubatuba; ao partir gritaram atrás de mim que breve la appareceriam para me devorar. Mas o meu dono me consolou dizendo que tão cedo tal não aconteceria.

CAPITULO XXIX

**De como vieram os tupiniquins atacar
a nossa taba**

Como eu dissera a Cunhambebe, logo apparece-
ram as vinte e cinco canoas tupiniquins, que já
se estavam aprestando antes da minha captura.



Vieram pela manhã e atacaram a aldeia com flechas. Os de dentro mostraram medo e as mulheres quizeram fugir. Aproveitei-me do ensejo e disse-lhes:

Vós me tendes por portuguez; dae-me arco e flechas que quero ajudar-vos a defender a taba.

Deram-me arco e flechas; gritei e atirei ao modo delles o melhor que pude, animando-os á lucta. Minha intenção era saltar a estacada e correr para os tupiniquins, que me conheciam e me sabiam na aldeia. Mas os tupiniquins, vendo que nada podiam fazer, voltaram-se para as canôas e partiram.

Finda a refrega os indios prenderam-me de novo.

CAPITULO XXX

**De como os chefes se reuniram
á noite, ao luar**

Na noite desse dia reuniram-se os chefes ao luar, no centro da taba; levaram-me para o meio delles, com muitos maus tratos e zombarias, e conferenciaram sobre a época do meu sacrificio.

Eu, muito triste, olhava para a lua e dizia com-migo:

— O' meu Deus, ajuda-me nesta afflicção e faze que logo me veja livre deste martyrio!

Os selvagens perguntaram-me porque olhava para a lua.

— Vejo que ella está zangada, respondi.

De facto, a lua me parecia terrivel; como Deus me parecia terrivel; como tudo me parecia terrivel.

Nhaepépô-açú, que muito desejava matar-me, perguntou:

— Com quem está zangada a lua?

— Ella olha para tua cabana, respondi.

Estas palavras o irritaram, e Nhaepépô falou

aspero commigo. Para cortar-lhe a colera, disse-lhe:

— Não será contigo; ella está zangada com os escravos carijós.



Sim, concordou elle; sobre a cabeça dos escravos venha toda a desgraça.

Ficou nisso o incidente e não pensei mais no caso.

CAPITULO XXXI

**Como os Tupiniquins incendiaram a
taba de Mambucaba**

No dia seguinte chegou noticia de que os tupiniquins, de volta da visita que fizeram á nossa aldeia, tinham atacado a de Mambucaba. Todos os moradores fugiram, excepto um menino que fôra apanhado. Em seguida os atacantes incendiaram as cabanas.

Nhaepépô-açú possuia em Mambucaba parentes e amigos; querendo ajudal-os a reconstruir as cabanas queimadas, partiu para lá com varios companheiros, levando a farinha de mandioca destinada á festa do meu devoramento. Antes de partir ordenou a Iperú-açú que me guardasse bem até sua volta.

CAPITULO XXXII

**De como chegou um navio de S. Vicente
que perguntou por mim**

Nesse interim chegou de S. Vicente um navio portuguez, que deitou ancora não longe do sitio em que me achava e disparou um tiro de peça. Era o signal do costume para que os indios viessem ter com os navios.

Ao ouvirem o tiro, disseram-me elles:

— Ali estão os teus amigos portuguezes; querem talvez saber se ainda vives para te resgatarem.

Suppuz que se algum navio portuguez passasse por ali haveria de indagar de mim, e para que com isso não se corfirmassem os selvagens na crença de que eu era portuguez, disse-lhes que tinha com os portuguezes um irmão francez e que era elle certamente quem me procurava.

Mas os indios, que não desistiam de suppor-me pero, approximaram-se do navio a ,ponto de fala.

Os portuguezes perguntaram-lhes como eu passava; os indios responderam que não sabiam nem se importavam commigo.

E ficou nisso a tentativa de salvamento.

Logo depois o navio partiu e sabe Deus o que padeci!

Os indios murmuraram:

— Temos o homem certo; já mandam navios atrás d'elle!

CAPITULO XXXIII

**Como o irmão de Nhaepepô voltou
Mambucaba e do que passou entre nós**

Todos os dias, ansiosamente, eu esperava pela volta dos que tinham ido em soccorro da aldeia queimada, pois seu regresso annunciaria o meu fim.

Uma tarde ouço gritos na cabana do morubi-chaba ausente. Fremi, pensando que era chegado o momento terrivel. E' costume dos selvagens nunca se ausentarem por mais de quatro dias; quando regressam, os amigos os recebem com gritos como os que eu ouvira.

Sem demora veio um delles ter commigo e disse-me:

— O irmão do teu dono chegou e diz que os outros lá ficaram muito doentes.

Meu coração bateu, e pensei commigo que Deus queria fazer qualquer coisa por mim.

Não tardou muito e Alkindar-miri appareceu em minha cabana; sentou-se e principiou com lamurias,

dizendo que seu irmão Nhaepépô, sua mãe e seus sobrinhos tinham cahido doentes em Mambucaba e Nhaepopô o mandava a mim para que pedisse a meu Deus que lhes restituisse a saude.

— Meu irmão, irmão, accrescentou, julga que o teu Deus está zangado com elle.



Confirmei-o nisso; meu Deus estava zangado com tódos porque me queriam devorar. Disse-lhe mais:

— Affirmas ainda que eu sou portuguez e não é verdade; vae ter com Nhaepépô e dize-lhe que volte, que eu falarei a meu Deus para que todos salem.

Alknidar allegou que seu irmão não poderia vir por estar muito doente; mas que sabia que se eu quizesse elle ficaria bom.

Affirmei que sim; que Nhaepépô melhoraria e de volta á sua cabana sararia completamente.

Com isto voltou elle a Mambucaba.

CAPITULO XXXIV

**De como Nhaepépô regressou
á taba doente**

Alguns dias depois regressaram os doentes. Fui chamado para a cabana delles, onde Nhaepépô declarou que eu sabia de tudo, pois dissera na noite da conferencia "que a lua olhava zangada para sua cabana".

Ao ouvir taes palavras lembrei-me do incidente e senti uma grande alegria, imaginando que Deus estava commigo. Aproveitei-me do caso e confirmei-o naquella crença. Era bem verdade a zanga da lua, e por quererem comer-me sem que eu fosse inimigo lhes vinha toda a desgraça.

Depois reflecti que, se sarassem, matavam-me como se nada houvera, e, se morressem, os outros me mantariam para prevenir novas desgraças. E entreguei-me á vontade de Deus.

Nhaepépô pediu-me que os curasse. Andei en-

tão á roda delles, impondo-lhe as mãos de modo a convencil-os de que os estava curando.

Deus não quiz que tal succedesse; logo depois morreu uma creança; em seguida a mãe de Nhaepépô e mais uma velha, que se incumbira de fabricar os potes de barro necessarios ao fabrico do cauim destinado á minha "festa".

Não ficou ahi a hecatombe; alguns dias mais tarde falleceu outra creança e por fim o irmão que primeiro viera de Mambucaba com a noticia da desgraça.

Nhaepépô cahiu em grande tristeza diante daquelle destroço da sua familia e receiando ir-se tambem com o resto, pediu-me de novo que intercedesse pela sua vida perante meu Deus. Consolei-o como pude e affirmei que nada soffreria elle, caso desistisse de me devorar depois de curado.

O morubichaba concordou e prometeu poupar-me, prohibindo aos demais da cabana que me maltratassem ou me ameaçassem de morte.

Continuou doente por algum tempo ainda; por fim sararam, elle e uma de suas mulheres. Havia perdido oito pessoas das suas relações, todas muito más para commigo.

O morubichaba de outra cabana, Guaratinga-açú, sonhara que eu lhe tinha apparecido em sonhos di-

zendo que elle ia morrer. De manhã cedo veio procurar-me e contou o caso. Expliquei-lhe que nada lhe succederia se desistisse de me comer e desaconselhasse aos demais de o fazerem. Guaratiga-açú accordou nisto, declarando que se os meus apesadores me não matassem não me faria elle nenhum mal, e que em qualquer caso não comeria da minha carne.

Do mesmo modo sonhou commigo um terceiro morubichaba de outra cabana, Karimã-kui (farinha de carimã). Chamou-me á sua choça, deu-me de comer e queixou-se de que numa expedição guerreira havia capturado e morto um portuguez, do qual comera tanto que o peito ainda lhe doia disso; e, pois, resolvera desd'ahi não mais devorar ninguém. Sonhara commigo sonhos horriveis que lhe prediziam a morte.

Consolei-o, como o fizera ao outro, affirmando que não correria perigo nenhum caso disistisse de comer gente.

Tambem as megeras de todas as cabanas, as quaes tanto me haviam maltratado com beliscões, pancadas e ameaças, começaram a dizer-me:

— *Chê-raiva* (meu filho), não nos deixe morrer. Se te tratámos mal é que te julgavamos portuguez, aos quaes detestamos. Já comemos varios

portuguezes, mas o Deus delles não se zangava como o teu , e porisso vemos que não és da mesma raça.

E deixaram-me em paz.

Logo que um dos meus donos ficou bom, não mais se falou em comer-me; entretanto guardavam-me como d'antes e não me deixavam andar só.

CAPITULO XXXV

**De como voltou o Francez e lhe
pedi que me levasse**

Karvatuvare, como chamavam os indigenas ao tal francez que os aconselhara a me comerem, voltou á nossa taba em busca de pimenta e pennas. Veio de Manguape ou Nitheroy, que era onde aportavam os navios francezes para os quaes elle agenciava.

Chegando, admirou-se de ver-me e disse:

— Pois ainda estás vivo, homem?

Respondi agastado:

— Sim, graças a Deus, pois só a elle devo ter conservado a vida tanto tempo.

Creio que o francez já ouvira dos selvagens a historia dos acontecimentos occorridos, pois que o vi mudado. Chamei-o á parte, de modo que os indios não nos ouvissem conversar, e lhe fiz ver como era patente que Deus velava por mim; que eu não

era portuguez, mas allemão e estava naquella terra graças ao naufragio do navio espanhol que me trouxera. Pedi-lhe que explicasse isto aos indios e que me apresentasse como um parente e amigo a quem vinha buscar.

Eu receiava que se o francez não procedesse assim os selvagens me suspeitassem de charlatanismo e se vingassem. Porisso fiz-lhe ainda uma admoestação em lingua da terra, perguntando se não lhe batia no peito um coração de christão e se tanto esquecera que além desta vida ha uma outra a ponto de recommendar aos selvagens que me comessem.

O francez mostrou-se arrependido e explicou-me que de facto me julgara portuguez, gente ruim a quem os selvagens não poupavam, e, como francez que era, via-se forçado a fazer causa commum com os indigenas contra esse inimigo hereditario.

Tudo mudou depois da conferencia e o francez foi falar a meu favor com os indios. Disse-lhes que da primeira vez não me reconhecera, mas agora via que eu era da Allemanha e amigo dos francezes, pelo que desejava levar-me comsigo.

Os indios, entretanto, declararam que não me deixariam ir com ninguem, a não ser com meu pae ou algum meu irmão que viesse resgatar-me com um navio cheio de machados, facas, tesouras, pentes

e espelhos; tinham-me apanhado em terra de inimigos e de direito eu lhes pertencia.

Depois da conferencia o francez veio dizer-me que os indios de forma nenhuma me largariam. Pedi-lhe então, pelo amor de Deus, que me mandasse buscar pelo primeiro navio chegado, o que me foi promettido. Em seguida Karvatuvare observou aos indios que não me matassem, e me guardassem cuidadosamente até que meus amigos me viessem resgatar.

Após a partida do francez Alkindar-miri veio saber se Karvatuvare era meu patricio e o que me havia dado.

— E' meu patricio, sim, respondi.

— Então, retrucou elle, porque não te deu ao menos uma faca para me presentear com ella? e mostrou-se zangado.

Passados uns dias os indios doentes recobriram a saude e entraram de novo a murmurar de mim, allegando que os francezes, afinal de contas, não valiam mais que os peros, o que muito me atemorizou.

CAPITULO XXXVI

**De como devoraram um prisioneiro
e me levaram a assistir á scena**

Aconteceu que algum tempo mais tarde, tendo de ser devorado um prisioneiro maracajá na taba Tycoarype, distante umas seis milhas da nossa, diversos convidados de Ubatuba partiram de canôa, a tomar parte na festa, e me levaram com elles

O costume nestes casos é, como já disse, preparar o cauim e beberem-no antes de sacrificar-se a victima. Na noite em que iam beber á morte do maracajá approximei-me do prisioneiro e perguntei-lhe:

— Estás prompto para morrer?

— Sim, respondeu sorrindo, estou prompto para tudo. Mas nós maracajás temos melhores mussuranas...

Referia-se ás cordas com que amarram as victimas, feitas de algodão e mais grossas que um dedo; a mussurana empregada para amarrar aquelle pri-

sioneiro era curta, menor uma seis braças do que as usuas.

Eu tinha commigo um livro em lingua portugueza que os selvagens tomaram a um navio capturado com o auxilio dos francezes. Deixei o prisioneiro e puz-me a ler no livro, com um grande dó do desgraçado.

Logo depois tornei a procural-o e disse-lhe:

— Eu tambem sou prisioneiro e não vim para ajudar a devorar-te; foram os outros que me trouxeram.

O maracajá respondeu saber que a gente da nossa raça não comia carne humana.

Exhortei-o ainda a que não se affligisse, pois apenas lhe comiam a carne; sua alma voava para um lugar muito alegre, ao qual vão tambem as almas dos da nossa raça.

— Será verdade isso? perguntou-me o indio.

— Sim, é verdade. Lá para onde vão as almas é que reside Deus.

— Mas eu nunca vi esse Deus.

— Na outra vida has-de vel-o.

Nessa noite um vento horrivel açoitou a taba, chegando a arrancar pedaços do tecto das cabanas. Os selvagens encolerizaram-se commigo, dizendo:

— *Apomirim geropary ybytu naçu õmõ*: aquelle diabinho é que trouxe o furacão, porque esteve hoje a olhar para o “couro da trovoada” (referiam-se ao meu livro).

Alegrei-me com isso, na esperança de que o máo tempo impedisse a festa, e fiz uma oração ao Senhor, rogando-lhe que continuasse a preservar-me

CAPITULO XXXVII

**Do que succedeu depois de comido
o prisioneiro**

Acabada a festa voltamos para a taba de Ubatuba, e meus donos trouxeram consigo, assada, um pouco da carne do maracajá. Gastamos tres dias na volta, viagem de ordinario feita em um; mas ventava e chovia muito. No primeiro pouso, quando erguimos ranchos no matto para o pernoite, intimaram-me a fazer passar a chuva.

Comnosco ia um menino que trouxera uma canela do prisioneiro na qual ainda havia uma pouca de carne que elle roia.

Não pude ver aquillo e disse ao pequeno que deitasse fóra o osso.

Os selvagens zangaram-se commigo e disseram que a carne humana era a sua verdadeira comida.

A um quarto de milha de Ubatuba as canôas não mais puderam avançar, devido ao furor das ondas. Varamol-as então em terra, esperando que no

dia seguinte fizesse bom tempo. Mas a tempestade continuou, e foi resolvido seguirmos viagem por terra, voltando elles a buscar as canôas quando o mar o permittisse.

Antes de partirmos o menino acabou de roer a carne, deitando fóra o osso, e como logo depois o tempo concertasse, disse-lhes eu:

— Vêem? Meu Deus mostrava-se zangado por estar o menino a comer aquella carne.

— Sim, concordaram os indios. Se o menino tivesse comido a carne de modo que tu não visses, o tempo não teria arruinado.

Ao chegar á taba Alkindar me disse:

— Viu como costumamos tratar os nossos inimigos?

— Que os matem, vá, respondi; mas acho horroroso que os devorem.

— Sim, retrucou elle; é nosso costume e do mesmo modo tambem procedemos com os portuguezes.

Este Alkindar me era muito adverso, e apesar de ter cedido a seu tio a parte que tinha em mim, só não me matava porque Nhaepêpô o impedia, receioso de alguma desgraça.

Mas succedeu que logo depois de voltarmos Alkindar foi atacado de uma doença dos olhos, que

o deixou cego por alguns dias. Isso o fez vir a mim e pedir que rogasse ao meu Deus pela volta da sua vista.

Respondi que o faria caso promettesse tornar-se bom para commigo. Alkindar o prometteu, e dentro em breve sarou.

CAPITULO XXXVIII

**De como um outro navio foi mandado
á minha procura**

No quinto mez da minha escravidão appareceu no porto um outro navio vindo de S. Vicente.

Os portuguezes têm o costume de abordar a terra dos seus inimigos a negocio. Permutam facas, anzóes, etc., por farinha de mandioca, de que muito necessitam nas plantações de canna lavrada por escravos. Quando o navio chega, uma canôa com dois selvagens se approxima d'elle, emquanto os demais ficam de longe com as mercadorias. Ajustado o preço, effectua-se a entrega com as maiores precauções de lado a lado. E findo o negocio os selvagens avançam contra o navio disparando-lhe suas flechas.

O navio em questão entrou no porto e deu o tiro de aviso. Os selvagens chegaram á fala, e como os de bordo perguntassem de mim, responderam que eu estava vivo.

Pediram, então, os portugueses, para ver-me, dizendo que um meu irmão, francez, estava a bordo com uma caixa de mercadorias que me trouxera.



De facto, no navio de S. Vicente havia um francez, de nome Claude Mirande, meu conhecido e camarada de outróra. Os selvagens voltaram do navio

com essa noticia, e eu pedi-lhes que me deixassem falar de longe com o francez meu irmão.

— Quero, accrescentei, pedir-lhe que conte a meu pae a minha historia e que me volte a buscar trazendo muitas mercadorias.

Os selvagens accederam nisto, mas não queriam que os portuguezes me falassem. Andavam a organizar uma expedição contra a Bertioga, para o mez de Agosto, e como eu lhes conhecia os planos receiavam que os trahisse.

— Nada temam, disse-lhes eu; os portuguezes não comprehendem a minha lingua, nem a do meu irmão, que é a mesma.

Levaram-me então á distancia de um tiro de funda, nú como eu vivia entre elles. Chamei os do navio e gritei-lhes:

— Deus seja comvosco, irmãos! Que só um fale commigo e não deixe perceber que não sou francez.

Adeantou-se o biscainho João Sanchez, meu conhecido, e disse-me:

— Meu querido irmão, por vossa causa viemos cá, não sabendo se estaveis vivo ou morto porque o primeiro navio não levou noticias vossas. O capitão Braz Cubas, de Santos, ordenou que investigassemos se estaveis vivo, para eu resgatar-vos ou

trocar-vos por alguns delles, que deviamos capturar.

Respondi:

— Que Deus vos recompense eternamente, pois vivo em grande afflicção e não sei o que os indios pretendem de mim. Só sei que já me teriam devorado se Deus singunlarmente não o houvesse impedido.

Continuei dizendo que os selvagens não me venderiam e que pelo amor de Deus não os deixassem perceber que eu não era francez; pedi ainda algumas facas e anzóes.

Os de bordo concederam-me o que lhes pedi e um indio foi de canôa ao barco buscar esses objectos.

Depois, como os selvagens não queriam que eu por mais tempo falasse com os portuguezes, avisei-os de que tomassem cautellas, porque iam os indios atacar a Bertioga. Os portuguezes responderam que tambem os tupiniquins estavam em aprestos para virem atacar a taba de Ubatuba, e pois me não devia eu desanimar; Deus havia de levar tudo a melhor, já que me não podiam elles no momento acudir.

— Sim, dise eu por despedida; porque é melhor

que Deus me castigue nesta vida do que na outra; e rogae a elle para que me ajude nesta miseria.

Queriam os portuguezes falar ainda, mas os selvagens se oppuzeram e levaram-me dalli para a taba.

Tomei as facas e anzões recebido e os distribui entre elles, dizendo:

— Tudo isto meu irmão francez me trouxe.

Os selvagens logo indagaram do assumpto da minha conversa.

Respondi:

— Recommendei ao meu irmão que fugisse dos portuguezes e voltasse para nossa terra, e de lá trouxesse navios carregados de mercadorias para vos presentear, visto que sois bons para commigo e me trataes bem.

Esta fala muito agradou aos indios, os quaes murmuraram entre si:

— Certamente que elle é francez; vamos agora tratál-o melhor.

Continuei a confirmal-o nisso e a mantel-os na esperanza de que um barco viria buscar-me. Depois desse dia começaram a levar-me ao matto, ás suas roças, obrigando-me a ajudal-os no serviço.

CAPITULO XXXIX

De como um outro prisioneiro sempre me calumniava e do que lhe succedeu

Havia na taba um outro prisioneiro de raça carijó, que fôra escravizado pelos portuguezes e conseguira fugir. Aos que os tupinambás assim tomavam não matavam, a não ser em virtude de algum crime especial; mas os conservavam como escravos de trabalho.

Este carijó contou que estivera tres annos com os portuguezes e lá me conhecera atirando contra os tupinambás por occasião das guerras. E como annos antes os portuguezes haviam morto a um morubichaba com um tiro, dizia o carijó que o tiro fôra meu, e, pois deviam matar-me.

Esse escravo mentia em tudo, porque estava entre os tupinambás havia tres annos e eu só tinha um anno de Brasil.

Succedeu, porém, que no sexto mez do meu captivo o carijó enfermou; meu dono, Ipirúguaçú,

que era também o senhor desse escravo, pediu-me que o curasse, pois lhe fazia falta no serviço. Fui de parecer que o doente não se curaria, e Ipirú-guaçú resolveu dal-o a um amigo, para que o matasse e ganhasse mais um nome.

Os índios costumam sangrar os doentes nas veias, com um dente de paca afiadíssimo. Deram-me um destes dentes e eu procurei sangrar o carijó; mas o instrumento estava cego e nada consegui. Os índios, que me rodeavam, indagaram o que eu achava do doente, e ao dizer-lhes que não poderia sarar replicaram:

— Sim, elle quer morrer e nós vamos matal-o antes disso.

— Não! Não o façam, que elle póde levantar-se ainda acudi eu.

De nada valeram estas palavras; levaram-no para de frente á cabana de Guaratinga-açú, a braços, porque o doente não dava accordo de si.

O índio, a quem Ipirú-guaçú havia presenteado com esse escravo, aproximou-se de tacape em punho e deu-lhe tamanho golpe na cabeça que os miolos saltaram.

Deixaram-no alli e começaram a preparar-se para comel-o.

Intervim dizendo que não o fizessem, pois era um homem doente, cuja carne lhes podia fazer mal. Tinha um só olho o carijó e estava tão feia a sua cabeça, por effeito da doença, que mettia horror.



Os indios ficaram vacillantes, sem saber o que fazer, até que um sahiu da sua cabana, mandou que

as mulheres accendessem fogo ao pé do morto e lhe decepou a cabeça, lançando-a fóra.

Em seguida chammuscou o cadaver e o esfolou. Depois o esquartejou e dividiu a carne pelos circumstantes, com excepção dos intestinos e da cabeça, que já não estava no pescoço.

Percorri as varias cabanas. Numa, assavam os pés: noutra, as mãos; noutra, as pernas.

Aproveitei-me do ensejo para tirar partido do incidente, e lembrei-lhes que o carijó vivera tres annos de perfeita saude naquella taba, mas como me calumniara a mim, affirmando que eu havia morto alguns tupinambás, meu Deus se zangára e o fizera adoecer e acabar matado e devorado.

— E assim procederá meu Deus para com todos os que me fizeram mal, conclui eu, alimentando dessa forma o medo que já meu Deus inspirava aos selvagens.

Emquanto se davam estes factos ia-se aproximando a época da expedição contra a Bertioga. Eu esperava que quando sahissem para essa incursão me deixassem na taba com as mulheres, o que me poderia proporcionar bôa oportunidade para a fuga.

CAPITULO XL

**De como appareceu um navio Francez
e ainda me não poude tomar**

Oito dias antes da partida para a guerra chegou um navio francez ao porto que existe perto de Ubatuba, chamado Rio de Janeiro pelos portuguezese e *Iteron* (enseada) pelos indigenas. Desse navio partiu um barco de rumo á nossa taba, afim de mercadejar com os selvagens pimenta, macacos e papagaios. Saltou delle um francez de nome Jacob, que sabia a lingua dos tupinambás e fez o negocio a que vinha.

Pedi aos selvagens que me levassem a bordo do navio; meu dono, porém, recusou-se a isso, allegando que esperava receber mercadorias pelo meu resgate. Insisti que me levassem ao navio, pois meus amigos de lá as tinham comsigo e lh'as dariam.

Recusaram-se ainda, dizendo que aquelles francezes não eram meus amigos.

— Vieram no bote e não te deram nem uma camisa. E' que não fazem caso de ti.

Bem verdade era aquillo! Mas eu insisti novamente:



— Se eu fosse até ao navio grande, lá me dariam roupas.

A isto os selvagens tornaram que o navio não largaria tão cedo e, pois, primeiro iriam á guerra, ficando o resto para a volta.

Quando vi que o bote partia e eu ficava, murmurei commigo:

— O' Deus bondoso, se este bote sae sem me levar d'aqui, certo que perecerei, porque esta gente não é de confiança!

E com esta idéa na cabeça atirei-me ao mar. Os indios foram no meu encalço. Um chegou a pôr-me as mãos. Consegui, porém, safar-me e nadei para o bote até alcançal-o.

Mas os francezes não me deixaram entrar; allegaram que, se contra vontade dos selvagens me recolhessem, levantar-se-iam elles contra os francezes, tornando-se inimigos.

Voltei para a terra muito angustiado, dizendo-me que era bem da vontade de Deus que eu permanesse na desgraça, pois da minha parte tudo fizera para livrar-me.

Ao alcançar a terra observei que os selvagens se mostraram alegres e gritavam:

— Elle volta!

Logo que sahi á praia fingi-me zangado e disse-lhes:

— Julgaveis acaso, que eu pretendia fugir? Fui ac bote unicamente para dizer aos meus patricios que viessem buscar-me por occasião de voltardes da guerra, e que trouxessem muitas mercadorias para com ellas eu vos presentear.

Isto os agradou muito e todos se mostraram contentes commigo.

CAPITULO XLI

De como os selvagens foram para a guerra e me levaram

Quatro dias depois reuniram-se no porto as canôas que iam para a guerra, vindo tambem o grande chefe Cunhambebe com os seus guerreiros.

O meu dono disse-me então que eu os acompanharia.

Roguei-lhe que me deixasse na taba, e talvez que Ipirú-guaçú concordasse nisso se Cunhambebe não interviesse determinando que eu fosse.

Não deixei transparecer a minha contrariedade, imaginando que se fingisse ir de bom grado talvez se dispensassem de grandes cautellas commigo e eu pudesse fugir ao chegar em terra tupiniquim.

A expedição compunha-se de quarenta e tres canôas, tripuladas com vinte e tres homens cada uma. E como tinham tomado bons augurios dos seus idolos e dos sonhos, achavam-se todos muito bem dispostos. A intenção dos expedicionarios era dirigi-

rem-se á Bertioga pelas immediações do local onde me capturaram; ahi esconder-se-iam nas mattas vizinhas e aprisionariam a quantos pudessem.

Partimos a 14 de Agosto de 1554, mez em que um peixe, chamado pelos portuguezes tainha e pelos da terra parati sobe do mar para agua doce, afim de desovar. Os selvagens chamam a isso *piracema*. Tanto os tupinambás como os tupiniquins costumam sahir á guerra por este tempo, pois a apanha do peixe lhes permite alimentarem-se durante a expedição.

Eu contava que tambem os tupiniquins já estivessem em marcha, pois soubera pelo navio portuguez que andavam elles em aprestos.

Durante a viagem os indios perguntaram-me varias vezes o que eu pensava da expedição e se esperava que fossem felizes.

Está claro que respondi affirmativamente; do contrario encolerizar-se-iam commigo. Tambem lhes predisse que os inimigos tupiniquins viriam ao nosso encontro.

Uma noite de muito vento apanhamos numa praia, que tambem se chamava Ubatuba, grande quantidade de tainhas. Ahi os indios conversaram commigo longamente, indagando de muita coisa. Em certo momento referi-me ao vento e disse-lhes:

— Este vento passa sobre muitos mortos!

Havia no mar uma outra porção de selvagens, descidos do rio Parahyba.

— Sim, responderam; estes que alli estão atacaram os inimigos em terra e muitos pereceram.

Mais tarde verifiquei que assim havia succedido.

Chegados a um dia de viagem do porto a attingir, arrancharam-se os indios numa ilha que os portuguezes chamam de S. Sebastião e os da terra Maembipe. A' noite Cunhambebe appareceu no acampamento e falou que eram chegados ás fronteiras do inimigo, e que, portanto, todos procurassem ter sonhos felizes e conserval-os na memoria para se guiarem.

Concluida a fala, os selvagens puzeram-se a dançar em honra dos seus maracás até tarde da noite. Depois foram dormir.

Quando meu dono, Ipirú-guaçú, deitou-se, não esqueceu de recommendar-me que tivesse bons sonhos.

Respondi que não me importava com os sonhos, pois eram sempre falsos.

— Então, disse elle, pede a teu deus que aprisionemos muitos inimigos.

Ao raiar do dia reuniram-se os chefes em torno de uma panella de peixe frito, e enquanto comiam contaram uns aos outros os sonhos mais agradáveis. Alguns ainda dançaram em honra dos seus



ídolos. Depois foi resolvido entrar nesse mesmo dia na terra dos tupiniquins, por um lugar chamado Boissucanga, onde esperariam que anoitecesse.

Sahindo de Maembipe perguntaram-me outra vez o que eu pensava da expedição.

Respondi ao acaso que tivessem coragem, pois em Boissucanga iríamos encontrar os inimigos.

Era minha intenção fugir em Boissucanga, distante apenas seis leguas do sitio onde me capturaram.

Proseguimos em nossa rota e perto de Boissucanga vimos de trás de uma ilha algumas canôas que vinham para nós.

Os tupinambás gritaram logo:

— Ahi vem os nossos inimigos tupiniquins!

Comtudo quizeram occultar-se atrás de uns rochedos para que as canôas inimigas passassem de largo. Mas os tupiniquins os perceberam e viraram de bordo, rumo á sua terra.

Então se lançaram contra elles os nossos a toda força dos remos, durante quatro horas. Alcançaram-nos.

Eram cinco canôas cheias, todos da Bertioga. Conheci-as logo. Numa estavam seis mamelucos, entre os quaes dois irmãos Braga, Domingos e Diogo. Resistiram os dois heroicamente, um com a zaratana e outro com o arco. Resistiram durante duas horas a trinta canôas nossas. Quando se ex-

gottaram suas flechas, os nossos deram-lhes em cima, capturando a uns e matando a outros.



Os irmãos Braga não foram feridos, mas dois dos mamelucos o ficaram bastante, o mesmo succedendo a alguns dos tupiniquins, entre os quaes havia uma mulher.

CAPITULO XLII

**De como foram tratados os presos
na volta**

Finda a refrega os expedicionarios cuidaram de regressar o mais depressa possivel ao porto de pernoite, que era Maembipe. Lá chegamos á tarde com o sol já a entrar. Os prisioneiros foram levados para as cabanas dos apresadores; quanto aos feridos, logo depois do desembarque os mataram alli mesmo, cortando-os em pedaços e assando-os.

Entre esses trucidados havia dois mamelucos christãos; um chamava-se Jorge Ferreira e era filho de um capitão portuguez com uma india; o outro tinha por nome Jeronymo.

O cadaver deste coubera ao indio Paraguá, morador da cabana em que eu residia. Paraguá assou a carne de Jeronymo á noite, a um passo distante do ponto em qu eu me achava deitado. Este infeliz mameluco era parente de Diogo Braga.

Nessa mesma noite, depois que os indios acam-

param, fui á choça onde os indios conservavam os dois irmãos prisioneiros, ambos meus conhecidos da Bertioga. A primeira pergunta dos infelizes foi se iam ser devorados, ao que respondi que isso ficava



á vontade do nosso Pae Celeste, no qual os aconselhei que tivessem fé, pois estavam vendo como Deus me ia conservando entre os selvagens.

Indagaram depois do que havia acontecido ao seu primo Jeronymo.

— Já está assado, respondi. E tambem com estes olhos os vi comerem o filho do capitão Ferreira.

Ouvindo tão crua nova, não puderam os dois irmãos conter as lagrimas. Procurei consolal-os, contando que iam em oito mezes que eu lá estava e, pois, houvessem esperança.

— O mesmo fará Deus comvosco, se confiardes delle. Eu de mim me dô mais que vós desta miseria, porque sou de uma terra extranha e desaffeito aos horrores desta gente; mas vós, que aqui nascetes e fostes creados, não vos devieis espantar do costume da terra.

— Estaes, responderam elles, estaes com o coração endurecido pela vossa propria desgraça e não podeis nos lastimar...

Nisto chamaram-me os selvagens da minha cabana, para indagar da conversa em que eu estava com os prisioneiros. Senti deixal-os, e por despedida ainda os confortei, aconselhando-os a se entregarem á vontade de Deus, pois que este mundo era um valle de lagrimas.

— Nunca o verificamos tanto como agora! foram as ultimas palavras que lhes ouvi.

Ao deixar a cabana atravessei todo o acampamento e vi os demais prisioneiros.

La sozinho, nenhum selvagens me guardava e poderia ter fugido por que estavamos a umas dez leguas da Bertioga. Não o fiz por amor dos prisioneiros. Se fujo, reflecti, zangam-se os indios e logo os matam; se fico, talvez Deus nos preserve a todos. Assentei de ficar, ao menos para consolar os infelizes.

Os selvagens mostraram-se muito satisfeitos commigo por haver predito que o inimigo viria ao ao nosso encontro e me declararam melhor propheta que os seus maracás.

CAPITULO XLIII

De como dançaram no dia seguinte e fizeram dançar os prisioneiros

No dia seguinte alcançámos o sopé de uma grande montanha, a que chamam Oracaçú (1), e ahi acampamos para passar a noite. Fui então á tenda ou choça de Canhambebe e perguntei o que tencionava fazer dos mamelucos. O grande morubichaba respondeu que seriam devorados e prohibiu-me de conversar com elles. Estava encolerizado contra os mamelucos, que deviam ter ficado em casa, não sahindo em companhia do inimigo tupiniquinm em guerra contra elle.

Pedi novamente que os deixasse viver e os vendesse aos portuguezes, mas Cunhambebe repetiu-me que seriam devorados.

(1) Ainda hoje tem esse nome um promentorio elevado que precede o reconcavo onde fica o porto de Paraty. E' de suppor que seja a mesma de Staden e que a residencia de Cunhambebe, em *Arirab*, fosse numa das tabas daquelle reconcavo.

O feroz marumbichaba tinha deante de si, nesse momento, uma grande cesta de carne humana. Estava comendo uma perna, que chegou á minha bocca, perguntando se eu gostava.



Repelli o horrivel assado, dizendo que, se nenhum ser irracional devora outro, da mesma especie, como poderia um homem comer outro homem?

Cunhamebebe cravou os dentes na carne e respondeu:

— *Jauára ichê!* (sou um tigre!) Está gostoso! Com isto retirei-me da sua presença.

Nessa mesma noite Cunhamebebe ordenou que cada qual levasse seu prisioneiro para a beira do matto, ao pé d'agua, a um sitio limpo. Obedeceram-no logo e reuniram-se todos em redor das victimas.

Começou a festa. Os prisioneiros foram obrigados a cantar e a chocalhar os maracás. Finda esta parte, adeantou-se um dos prisioneiros tupiniquins e falou com arrogancia:

— Sim, sahimos como costumam fazer os bravos, para aprender a comer os nossos prisioneiros. Venceste-nos e nos aprisionastes, mas nós não fazemos caso disso. Os valentes morrem na terra dos inimigos; a nossa nação é grande e nos hade vingar!

Os tupiniquins responderam:

— Sim, vós já matastes muitos dos nossos e vamos agora vingal-os!

Acabada essa disputa, cada um levou seu prisioneiro comsigo.

Tres dias depois proseguimos na viagem, e chegando á taba foram os prisioneiros recolhidos ás cabanas dos seus donos. Os selvagens da taba de Ubatuba haviam capturado oito indigenas e tres

mamelucos, Diogo, Domingos e um terceiro de nome Antonio, o qual cahira nas mãos do filho de Ipirú-guassú, meu dono. Trouxeram ainda, já assados, mais dois mamelucos.

A expedição durara. ida e volta, onze dias.

CAPITULO XLIV

**De como o navio Francez ainda estava
em iterom e do que succedeu**

Quando me vi de novo na taba recordei-lhes a promessa de me levarem ao navio francez, navio esse que já tinha feito uma guerra com elles e os ajudara a capturar inimigos.

Responderam que sim; que iam levar-me; mas primeiro queriam descansar e comer o *moquem*, isto é, a carne assada dos christãos.

CAPITULO XLV

**De como foi que comeram a carne
de Jorge Ferreira, filho do
capitão Portuguez**

De frente á minha cabana ficava a do morubichaba Tatamiri (foguinho). Este chefe deu uma festa; mandou preparar o cauim, como era costume, e forneceu o assado: a carne do Jorge Ferreira, filho do capitão portuguez. Os convidados beberam, comeram e cantaram numa grande alegria. No dia seguinte requentaram de novo o resto do moquem e repetiram o banquete.

A carne de Jeronymo ficou por mais de tres semanas em uma cesta, pendurada ao fumeiro da minha cabana; estava tão secca que parecia pau. O dono della, Paraguá, tinha sahido em busca de raizes de mandioca para preparar a bebida. Isso retardou minha ida para o navio, pois os selvagens não queriam sahir antes da festa em torno da carne de Jeronymo.

A demora me prejudicou, pois o navio nesse intervallo partiu de Iteron, sem que viesse ou mandasse'buscar-me. Quando recebi essa noticia cahi em profundo desespero; mas como os selvagens disseram que esse barco vinha todos os annos, consolei-me como pude.

CAPITULO XLVI

De como Deus me fez um signal

Eu tinha armado uma cruz de pau ôco e a erguera em frente á minha cabana; ao pé della fazia minhas orações, sempre recommendando aos selvagens que a não arrancassem, pois isso lhes traria desgraça.

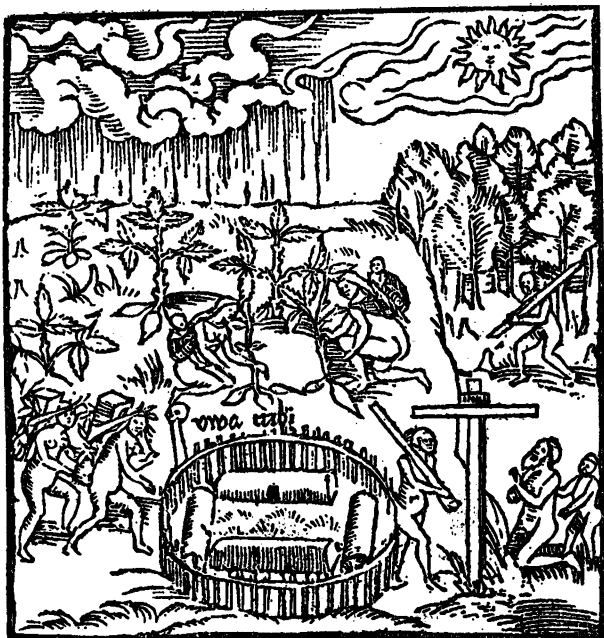
Desprezaram, um dia,, minhas palavras. Tendo eu sahido com elles á pesca, uma india arrancou a cruz e levou-a ao marido, que andava polindo um collar de conchas.

Este facto muito me contrariou. Logo em seguida começaram a cahir chuvas prolongadas, e vieram ellas á minha cabana para que eu rogasse ao meu Deus que as fizesse cessar, pois estava passando a epoca das plantações e a chuva os impedia de fazel-as.

Expliquei-lhes que o mal provinha da offensa feita ao meu Deus, com arranacarem a cruz deante da qual eu lhe falava.

Acreditaram na explicação e o filho de Iapirú ajudou-me a erguer outro madeiro.

Era alli pela uma hora da tarde, e succedeu que logo depois o tempo concertou. Os selvagens



admiraram-se grandemente, confirmando-se na crença de que meu Deus fazia tudo quanto eu desejava.

CAPITULO XLVII

**De como fui pescar com dois selvagens
e Deus fez um milagre**

Uma vez sahi á pesca em companhia de Paraguá, o que assára Jeronymo, e de mais outro sel-



vagem. Ao escurecer trovejou não longe de nós e o vento mostrou-se de feição a trazer chuva para o nosso lado.

Pediram-me os indios que falasse ao meu Deus para que a chuva não nos viesse perturbar a pescaria; a cabana estava desprovisada e aquelle peixe nos era necessario.

Puz-me a orar fervorosamente enquanto a chuva se approximava. Subito parou, a pequena distancia, de modo a não interromper nossa pesca.

— Vejo agora que tu falastes ao teu Deus! disse Paraguá.

Apanhamos algum peixe e voltamos.

O caso espalhou-se na taba e todos se admiraram delle.

CAPITULO XLVIII

**De como foi comida a carne
de Jeronymo**

Quando Paraguá viu promptas as bebidas que andava a preparar, deu inicio á festa na qual comeram o moquem de Jeronymo. Tudo correu como já narrei. Em seguida foram buscar os dois irmãos Braga e o prisioneiro do meu dono, de nome Antonio. Reunimos-nos assim na taba quatro christãos e fomos obrigados a beber com os selvagens; antes disso, porém, pedimos a Deus que nos salvasse as almas, e tambem os corpos se fosse de sua vontade.

Os indios conversaram connosco muito alegres, mas nós só viamos desgraças.

No dia seguinte, de manhã, requentaram os restos de Jeronymo e deram cabo de tudo.

Mais tarde, quando me separei dos dois irmãos, pediram-me elles que orasse a Deus em sua inten-

ção; prometti que sim, e, baseado no meu conhecimento do terreno, indiquei-lhes o melhor modo de fugirem da taba da serra, para onde iam ser levados. Isto lhes aproveitou, pois ambos fugiram' como eu soube depois.

CAPITULO XLIX

**De como me levaram para
Itaquaquetuba**

Depois desses acontecimentos os selvagens me levaram de presente ao morubichaba Abati-poçanga (bebida de milho), da taba de Itaquaquetuba. Ao partir, mal nos afastamos de Ubatuba, voltei-me para as cabanas e vi que se formara sobre ellas uma nuvem negra.

Indiquei aos selvagens, dizendo que meu Deus estava zangado com a taba por terem comido carne humana.

Chegando a Itaquaquetuba entregaram-me a Abati-poçanga, com recommendação de que me não fizesse mal, nem deixasse que m'o fizessem, porque meu Deus se mostrava terrivel quando me maltravam.

Confirmei taes palavras, e disse que brevemente chegaria meu irmão e outros parentes com

um navio cheio de cousas, e que se o mörubichaba me tratase bem, dar-lhe-ia de presente todas ellas.

Abati-poçanga chamou-me seu filho e levou-me á caça em sua companhia.

CAPITULO L

De como os selvagens de Itaquaquecetuba me deram noticia do navio

Na taba de Itaquaquecetuba contaram-me os selvagens que o navio *Marie Bel'Été*, de Dieppe, no qual eu tanto me esforcei por partir, recebera d'alli carga completa de pão-brasil, pimenta, algodão, pennas, macacos, papagaios e muitas outras cousas que não encontrara noutros pontos; e ainda que no porto de Iteron havia apresado um navio portuguez e dado um tripulante ao morubichaba Itavú, para que o devorasse.

Tambem soube por elles que Karvatuvare, o francez que os aconselhara a que me comessem, estava a bordo de regresso á sua patria.

O outro navio francez, cujo bote se recusara a receber-me, tinha naufragado na volta, pois mais tarde, quando cheguei á França ninguem sabia delle.

CAPITULO LI

De como chegou de França um novo navio, e do que aconteceu

Estava eu já de quatorze dias na taba de Itaquecetuba, na ocára do morubichaba Abati-pocanga, quando uns selvagens se dirigiram a mim e disseram ter ouvido tiros de peça para os lados de Iteron,, que tambem dizem Rio de Janeiro. Era signal de barco entrado; pedi-lhes que me levassem a elle, pois havia de ser o navio de meu irmão.

Era de facto um navio de França e aconteceu que logo souberam a bordo do meu caso. O commandante mandou á minha procura dois dos seus homens em companhia de meia duzia de selvagens. Vieram ter com o morubichaba Coouara-açú (grande comedor de caça), que possuia a sua cabana perto da minha.

Avisado disso pelos selvagens, fiquei muito contente e fui dar-lhes as boas vindas na lingua da terra,

Esses francezes eram boas almas; vendo-me tão desgraçado, apiedaram-se e repartiram commigo as suas roupas. Explicaram-me que tinham vindo por mim, com ordem de me levarem para o navio de qualquer modo que fosse.

Meu coração encheu-se de jubilo, reconhecendo nisso a clemencia divina.

Pedi então a um delles, de nome Perot, que declarasse aos selvagens que era meu irmão e me trouxera muitas caixas de mercadorias, devendo os indios irem a bordo recebê-las; e que accrescentasse que eu desejava permanecer na taba para colher pimenta e fazer mais coisas até que o navio regressasse no anno seguinte.

Os selvagens concordaram com a resposta. Levaram-me para Iteron, com Abati-poçanga, meu dono, á frente. Lá chegados, subimos todos ao navio.

Contei aos francezes a minha grande desgraça e elles muito se compadeceram do meu tragico destino, tratando-me muito bem.

Após cinco dias de hospedagem no navio Abati-poçanga perguntou-me pelas caixas de mercadorias mandadas pelo meu irmão. Transmitti ao commandante a pergunta, e o commandante orde-

nou-me que fosse entretendo os indios até que o navio se apparelhasse, mas de modo que não se zangassem, nem suspeitassem de alguma traição.

Abati-poçanga, entretanto, insistiu em levar-me para a terra.

Respondi-lhe que não tivesse tanta pressa, pois bem sabia que quando bons amigos se encontram não podem separar-se depressa; que quando o navio partisse então regressariamos todos á taba. E assim consegui retel-o.

Finalmente, completada a carga do navio, embarcaram-se todos os francezes.

O commandante reuniu os indios, fez vir um interprete e falou-lhes de como estava satisfeito por me não terem morto apesar de colhido entre inimigos; disse que mandara chamar a bordo para os presentear em agradecimento do bom trato havido para com o prisioneiro; declarou ainda que era sua intenção persuadir-me a permanecer com elles, já que lhes era tão familiar; ficaria eu empregado no commercio da pimenta, que o navio voltaria a buscar no anno seguinte.

Antes dessa fala tinhamos combinados um plano. Uns dez homens da tripulação, dos que mais se parecessem commigo, se reuniriam, declarando-se meus irmãos e insistindo em levar-me.

Terminada a fala do commandante, adeantaram-se esses suppostos meus irmãos e o interprete declarou aos indios quem elles eram e o que pretendiam. Allegou ainda que meu pai insitia pelo meu regresso, pois não desejava morrer sem ver-me.

O commandante falou de novo, por meio do interprete, e disse ser da sua vontade que eu voltasse para a taba; mas que elle commandante era um só e meus irmãos muitos, pelo que tinha de ceder deante do numero. Tudo isso com o fim de evitar indisposições com os selvagens, amigos dos francezes.

Adeantei-me tambem eu, depois, e disse a Abati-poçanga, meu dono, que muito desejava voltar para a taba, mas me via impedido pela attitude de meus irmãos.

Abati-poçanga declarou, então, que me deixava partir; mas que voltasse pelo primeiro barco, pois me considerava seu filho e estava zangado com os de Ubatuba por me terem querido devorar.

Uma de suas mulheres, que viera com elle a bordo, foi obrigada a *gritar sobre mim*, como é costume delles, e eu tive de gritar em resposta, na fórma do estylo.

Em seguida o commandante distribui-lhes al-

guns objectos, facas, espelhos, machados e pentes, ahi no valor de cinco ducados.

Com isso desceram para a terra e vi-me livre do martyrio, graças ao Senhor todo poderoso!

CAPITULO LII

De quem era o capitão e do que
succedeu antes de partirmos



O navio tinha o nome de *Catharina de Vatta-*

ville; seu commandante chamava-se Guillaume de Moner e o piloto, François de Schantz.

Apparelhava-se o barco para regressar á França quando, em vespéras de partir, avistou um navio portuguez que sahia, depois de haver negociado com uma tribu de maracajás.

Era um navio pequeno, pertencente a um Peter Rosel e viera com intenções de me resgatar aos selvagens.

Os francezes tomaram um escaler com algumas armas de fogo e sahiram a atacal-o, levando-me comsigo para que eu lhe propuzesse rendição.

Mas quando o barco francez atacou o naviozinho, este reagiu e o repelliu; foram mortos alguns francezes e feridos varios, o mesmo acontecendo a mim, que tive um ferimento grave.

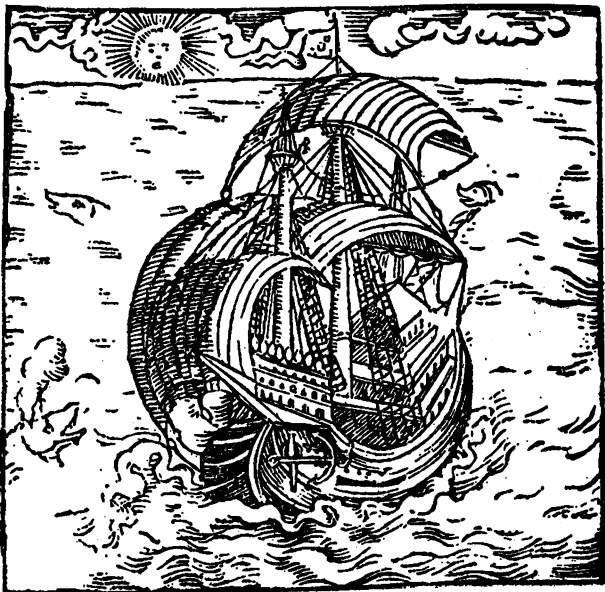
Invoquei nessa angustia o Senhor, porque já sentia o frio da morte; pedi-lhe que me conservasse a vida afim de que pudesse chegar a terra chistã e espalhar a noticia dos beneficios de que me havia cumulado.

Fui attendido, pois logo me restabeleci completamente.

No anno de 1554, ultimo de outubro, partimos do Rio de Janeiro, rumo á França. A viagem correu

feliz, sempre com bom vento. Na vespera do Natal o navio deu num cardume de peixes, de que apanhamos grande quantidade.

O mesmo aconteceu na tarde do dia de Reis.



Mandou-nos o céu grande fartura de peixes, porque não tínhamos para comer senão o que o mar fornecia.

A 20 de fevereiro do anno seguinte chegamos a

Honfleur, na Normandia, depois de quatro mezes passados sem avistar terra nenhuma.

Ajudei na descarga do navio e, concluida ella, a todos agradei os beneficios recebidos e pedi ao capitão um passaporte.

Insistiu elle para que eu fizesse uma nova viagem no seu navio, mas deante das minhas escusas obtive-me um passaporte do almirante, governador da Normandia. Deu me ainda dinheiro para viagem.

Despedi-me cheio de gratidão e parti para Dieppe.

CAPITULO LIII

De como em Dieppe fui ter á casa do armador do Bel'Eté

De Dieppe havia partido o *Bel'Eté*, de que era agente Karvatuvare, o interprete que aconselhara aos selvagens a que me comessem.

A esse mesmo navio pertencia o bote que não quiz receber-me quando escapei dos selvagens. A elle ainda o capitão que dera a devorar aos cannibaes um portuguez colhido num barco apresado.

O *Bel'Eté* não tinha regressado ainda, apesar de que, pelos calculos do capitão do Vattaville, devia ter entrado em Dieppe tres mezes antes de nós.

As mulheres e amigos da tripulação do *Bel'Eté* vieram procurar-me para pedir noticias.

— Sei lá delles! respondi. E' gente má e pouco me imoprtá aonde estejam.

Depois contei o que pasara. Disse que um

dos de bordo, estando em terra e vendo-me em mãos dos selvagens, aconselhara-os a que me comessem, facto que só Deus havia impedido. Disse que outros, indo de bote até á taba onde eu vivia prisioneiro, recusaram-se a receber-me quando fugi aos indios a nado e alcancei a embarcação. Contei tambem do portuguez que tinham dado a devorar aos cannibaes.

Não obstante, estava ali a dar noticias delles!

Hão de chegar quando for possível, mas eu prophetizava que Deus não deixaria impune o crime praticado contra mim.

Depois contei-lhes como tudo havia corrido bem, o bom vento e a fartura de peixe, para aquelles que me acudiram e me resgataram aos selvagens.

Os ouvintes mergulharam-se em tristeza e indagaram se eu os suppunha ainda vivos.

Para os não desesperar disse que era possível tal coisa, apesar de todos os indicios em contrario. Em seguida despedi-me, dizendo-lhes que se acaso esses maus reaparecessem, que fossem informados da minha estada alli e de como me havia Deus ajudado.

De Dieppe parti para Londres, onde fiquei uns

dias; depois fui a Seeland, e finalmente a Antdorff. E assim ajudou-me Deus todo poderoso a alcançar novamente minha patria.

Louvado seja elle eternamente. Amem.

INDICE

De quem sou eu e de como deliberei viajar	5
Da minha primeira viagem, de Lisboa para fóra de Portugal	8
De como os selvagens de Pernambuco estavam revoltados e queriam destruir a colonia dos portuguezes	14
De como eram as fortificações e de como os indios combatiam	16
De como deixamos Pernambuco de rumo á terra dos Potyguaras e no caminho encontramos um navio francez	20
De como parti de Sevilha para a America	24
De como chegamos a 28° de latitude e uma grande tempestade se desencadeou	26
De como sahimos do porto para procurar o a que pretendiamos ir	30
De como sahimos de bote e achamos um crucifixo sobre uma rocha	32
De como fui mandado ao nosso navio com uma canôa de indigenas	36
De como chegou um dos outros navios que se tinham perdido	38
De como velejamos para S. Vicente e naufragamos no caminho	40
De como soubemos em que ponto haviamos naufragado	44
De onde se acha situada a ilha de S. Vicente	46
Do lugar d'onde lhes vem maiores males e sua situação	48
De como os portuguezes reconstruiram o fortim da Bertioega e construíram outro na Ilha de Santo Amaro	50
De como observamos o inimigo	53
De como fui aprisionado pelos selvagens	54
De como os nossos vieram reclamar-me e do que succedeu	58
Do que se passou em viagem para a terra tupinambá	60
De como me trataram na taba	65
De como vieram a mim e do que me disseram	68
De como dançaram commigo, deante da cabana do Maracá	71
De como, terminada a dança, me entregaram a Iperú-Guaçú	73
De como os dois irmãos se queixavam dos portuguezes lhes haverem matado o pae	75

De como um francez appareceu e os aconselhou a que me devorassem	77
De como padeçi de fortes dôres de dente	79
De como me levaram ao grande chefe Cunhambebe	80
De como vieram os tupiniquins atacar a nossa taba.	85
De como os chefes se reuniram á noite, ao luar	87
Como os tupiniquins incendiaram a taba de Mambucaba	89
De como chegou um navio de S. Vicente, que perguntou por mim	90
Como o irmão de Nhaepépô voltou de Mambucaba e do que se passou entre nós	92
De como Nhaepépô regressou á taba doente	95
De como voltou o francez e lhe pedi que me levasse.	99
De como devoraram um prisioneiro e me levaram a assistir á scena	102
Do que succedeu depois de comido o prisioneiro	105
De como um outro navio foi mandado á minha procura	108
De como um outro prisioneiro me calumniva e do que lhe succedeu	113
De como appareceu um navio francez e ainda me não poude tomar	117
Da como os selvagens foram para a guerra e me levaram	121
De como foram tratados os presos na volta	127
De como dançaram no dia seguinte e fizeram dançar os prisioneiros	131
De como o navio francez ainda estava em Iteron e do que succedeu	135
De como foi que comeram a carne de Jorge Ferreira, filho do capitão portuguez	136
De como Deus me fez um signal	138
De como fui pescar com dois selvagens e Deus fez um milagre	140
De como foi comida a carne de Jeronymo	142
De como me levaram para Itaquaquetuba	144
De como os selvagens de Itaquaquetuba me deram noticia do navio	146
De como chegou de França um novo navio, e do que aconteceu	147
De quem era o capitão e do que succedeu antes de partirmos	152
De como em Dieppe fui ter á casa do armador do Bel'Été	156

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

Los Angeles

This book is DUE on the last date stamped below.

URL-LD MAY 04 1992

REC'D YRL 1 2004
MAY 22 2004

JUN 23 1991

REC'D YRL

JUN 23 1991

REC'D LD-URL
OCT 14 1997
MAY 08 1996

MAY 05 1997
MAY 10 1997

41585

Digitized by Google

